



---

**Universidade de Évora - Escola de Ciências Sociais**

**Mestrado em Arqueologia**

Relatório de Estágio

**Novos dados sobre a ocupação islâmica do Castelo de Alferce**

**José Manuel Piteira Vinagre**

Orientador(es) | Susana Gómez Martínez  
Fábio Filipe Gomes Simões Capela

Évora 2025

---

---

---

---

---



---

**Universidade de Évora - Escola de Ciências Sociais**

**Mestrado em Arqueologia**

Relatório de Estágio

**Novos dados sobre a ocupação islâmica do Castelo de Alferce**

**José Manuel Piteira Vinagre**

Orientador(es) | Susana Gómez Martínez

Fábio Filipe Gomes Simões Capela

Évora 2025

---

---

---

---

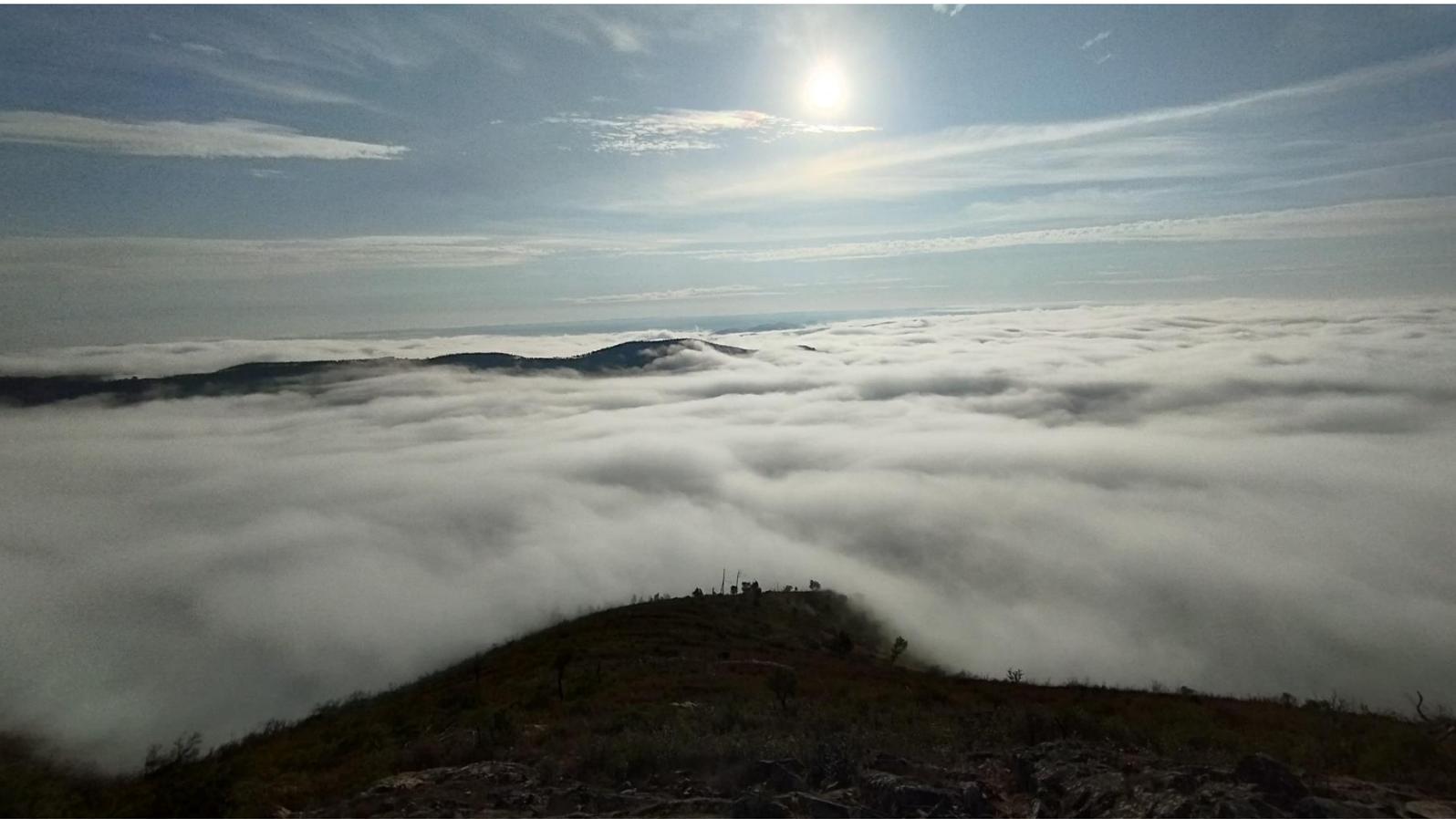
---



O relatório de estágio foi objeto de apreciação e discussão pública pelo seguinte júri nomeado pelo Diretor da Escola de Ciências Sociais:

Presidente | André Miguel Carneiro (Universidade de Évora)

Vogais | Marco Liberato ()  
Susana Gómez Martínez (Universidade de Évora) (Orientador)



Dedicado à memória da minha avó

**Maria Cristina Rolão Dias**

(1934-2023)

## Agradecimentos

O meu percurso no mestrado em Arqueologia na Universidade de Évora não se tratou de um caminho solitário, mas sim de um trajeto rico em contactos que de uma forma ou de outra contribuíram para a minha formação. Desde logo quero deixar um enorme agradecimento à minha família pelo apoio que me deram, especialmente aos meus pais que foram um verdadeiro pilar nesta etapa da minha vida.

Quero endereçar um especial agradecimento à professora Susana Gómez Martínez e ao Mestre Fábio Capela por me terem orientado durante este mestrado e por me terem transmitido todo o seu conhecimento.

Agradeço também à Câmara Municipal de Monchique pela oportunidade concedida de poder realizar um estágio junto da instituição.

Um especial agradecimento à Junta de Freguesia de Alferce pelo apoio prestado à equipa de escavação do projeto SACCA.

Um reconhecimento especial ao Humberto Veríssimo pelos conhecimentos transmitidos e pelo apoio durante o projeto, bem como aos restantes colegas de coordenação da campanha de 2023, Beatriz Pinto e Daniela Maio pela ajuda e partilha de conhecimentos.

Um enorme agradecimento à Associação de Arqueólogos do Algarve pela atribuição de uma bolsa que me permitiu ajudar a financiar o meu estágio.

Um especial obrigado aos meus amigos de infância Beatriz Peixe, Luís Caeiro, João Ourives, Rúben Mestre, Vasco Crespo, Ana Balixa, Ana Cardoso e Francisco Polido pelo apoio concedido e por partilharem as minhas alegrias e conquistas com tanto entusiasmo como eu, bem como aos amigos que a vida tratou de cruzar no meu caminho.

Quero expressar também o meu reconhecimento aos amigos que o projeto SACCA me proporcionou e que me permitiram fazer sentir em casa na freguesia de Alferce, nomeadamente ao David Dimas e à sua irmã Daniela Dimas, bem como aos seus pais e à Beatriz Dias, Rita Loureiro e à sua irmã Inês Loureiro.

Ao senhor Joaquim e à dona Angelina por me terem permitido alugar uma casa no concelho de Monchique e desta forma poder concretizar o meu estágio.

Quero também endereçar um agradecimento à Ana Rita Mateus e ao Pedro Duarte por me terem integrado tão bem no gabinete de trabalho durante o meu estágio na Câmara Municipal de Monchique.

Por fim quero reconhecer a minha gratidão a todos os colegas que se cruzaram comigo na licenciatura em História e Arqueologia, bem como no Mestrado em Arqueologia na Universidade de Évora. De salientar também a importância dos professores dos quais tive o privilégio de ser aluno e que contribuíram para a minha formação académica.

## Resumo

Este relatório de estágio trata o meu percurso ao longo do mestrado em arqueologia na Universidade de Évora e os estágios realizados, tanto na campanha de verão de 2023 no Sítio Arqueológico do Cerro do Castelo de Alferce, bem como na Câmara Municipal de Monchique.

Após a formação de um estado independente na Península Ibérica, o Emirado Omíada de Córdoba, assistiu-se a um período de diversas revoltas contra o poder estatal. Esta sucessão de eventos destaca-se, pela sua importância para o projeto do Sítio Arqueológico do Cerro do Castelo de Alferce, dada a possibilidade de o Castelo de Alferce ter sido erguido no decorrer destes episódios, uma vez que os seus protagonistas se terão sediado na Serra de Monchique.

Este arqueossítio tem sido alvo de uma investigação científica aprofundada desde 2020. Enquadrado neste projeto, foi-me permitido realizar o meu estágio de mestrado junto do projeto SACCA, bem como junto da Câmara Municipal de Monchique, onde pude contactar com uma experiência arqueológica completa. Neste sentido, fui integrado na equipa de coordenação do projeto durante a campanha de verão de 2023, onde me foi dada a possibilidade de desenvolver competências de coordenação, assim como desenvolver os meus conhecimentos a nível do registo arqueológico.

O estudo de materiais desenvolvido no âmbito do estágio permitiu compreender melhor as técnicas de fabrico dos materiais arqueológicos usados no quotidiano das populações que ocuparam o arqueossítio, bem como as tipologias utilizadas por estas. Por outro lado, o estágio na Câmara Municipal de Monchique permitiu-me desenvolver aptidões de análise e interpretação dos registos efetuados em campo, uma vez que colaborei no desenvolvimento do relatório técnico referente ao Pedido de Autorização de Trabalhos Arqueológicos (PATA) de 2023. Paralelamente a isto, tive o privilégio de acompanhar o arqueólogo municipal e adquirir competências de acompanhamentos de obra e de valorização de sítios arqueológicos.

Palavras-Chave: Castelo de Alferce, Al-Andalus, Ocupação do Território, Munt Šāqir, Fortificação, Valorização do Património Arqueológico

## **Abstract**

This internship report covers my journey during my master's degree in archaeology at the University of Évora and the internships I carried out during the 2023 summer campaign at the Cerro do Castelo de Alferce Archaeological Site, as well as at Monchique Town Hall.

After the formation of an independent state in the Iberian Peninsula, the Umayyad Emirate of Córdoba, there was a period of various revolts against state power. In this succession of events, the possibility that the Castle of Alferce was built during these episodes stands out because of its importance for the Cerro do Castelo de Alferce Archaeological Site project, given that its protagonists were based in the Serra de Monchique.

This archaeological site has been the subject of in-depth scientific research since 2017 as part of the SACCA project. As part of this project, I was allowed to carry out my master's degree internship, as well as with the Monchique Town Council, where I was able to get in touch with a complete archaeological experience. In this sense, I was integrated into the project's coordination team during the 2023 summer campaign, where I was given the opportunity to develop coordination skills as well as my knowledge of archaeological recording.

The study of materials carried out as part of the internship allowed me to better understand the manufacturing techniques of the archaeological materials used in the daily lives of the people who occupied the archaeosite, as well as the typologies used by them. On the other hand, the internship at Monchique Municipal Council allowed me to develop skills in analysing and interpreting records made in the field, since I collaborated in the development of the technical report for the 2023 PATA.

Keywords: Alferce Castle, Al-Andalus, Occupation of the Territory, Munt Šāqir, Fortification, Valuing the Archaeological Heritage

## Índice

Introdução.....	8
1. Enquadramento histórico e geográfico.....	11
1.1. Contexto geográfico.....	11
1.2. Contexto histórico.....	15
2. SACCA – Sítio Arqueológico do Cerro do Castelo de Alferce.....	18
2.1. Estado da investigação.....	18
2.1.1. As fontes escritas.....	18
2.1.2. A investigação arqueológica.....	21
2.2. Campanha arqueológica SACCA23.....	27
2.2.1. Metodologia.....	27
2.2.2. Descrição dos trabalhos de campo e da sequência estratigráfica.....	32
2.2.3. Matriz de Harris.....	46
2.2.4. Descrição das unidades estratigráficas da campanha de 2023.....	47
2.2.5. Medidas de proteção implementadas.....	52
3. Estudo de materiais.....	54
3.1. Metodologia de estudo dos materiais cerâmicos.....	54
3.2. Inventário geral dos materiais recolhidos na sondagem V do sector 1.....	58
3.3. Inventário descritivo da amostra selecionada.....	59
3.4. Descrição e análise do conjunto de materiais cerâmicos.....	62
3.5. Descrição da amostra selecionada de materiais cerâmicos.....	64
3.6. Materiais não cerâmicos.....	87
4. Estágio curricular na Câmara Municipal de Monchique.....	89
4.1. SACCA23 – Trabalhos de gabinete e tratamento da informação.....	91
4.2. Atividades de valorização do património arqueológico.....	92
4.2.1. Trabalhos de salvaguarda do património.....	92
4.2.2. Atividades de valorização do património arqueológico.....	93

4.2.3. Atividades de divulgação do património arqueológico .....	94
Conclusões.....	100
Bibliografia.....	103

## Introdução

No âmbito do Mestrado em Arqueologia na Universidade de Évora, tive a oportunidade de estagiar na Câmara Municipal de Monchique, bem como participar no projeto arqueológico SACCA – Sítio Arqueológico do Cerro do Castelo de Alferce, que tem como responsável o arqueólogo do município, Fábio Capela.

Foi em 2017 que se realizaram duas sondagens exploratórias com o intuito de perceber o potencial arqueológico e estratigráfico do sítio, com o objetivo de preparar o Projeto de Investigação Plurianual em Arqueologia (PIPA) que teve o seu início no ano de 2020. Este conta já com cinco campanhas de escavações arqueológicas (2020, 2021, 2022, 2023, 2024), bem como estudos de prospeção geofísica nos anos de 2018 e 2024. Foi no âmbito do atual PIPA que tive a oportunidade de ingressar no projeto SACCA, participando nos trabalhos arqueológicos das campanhas de 2021 e 2022 como voluntário, totalizando um total de 49 dias de escavação nessas duas campanhas.

Como ponto de partida neste percurso escolhi como orientadores a professora Doutora Susana Gómez Martínez, da Universidade de Évora, e o Mestre em Arqueologia pela Universidade de Coimbra, Fábio Capela, arqueólogo da Câmara Municipal de Monchique, com quem se definiu um plano de trabalhos e respetivo cronograma, como forma de balizar os objetivos a cumprir ao longo do trajeto no mestrado.

Posto isto, foi no verão de 2023, durante a campanha de escavações no Sítio Arqueológico do Cerro do Castelo de Alferce, que dei início aos trabalhos de campo num estágio de verão, como fase preparatória do estágio curricular propriamente dito. A vertente principal desta tarefa consistiu no aprofundar dos meus conhecimentos a nível de registo e coordenação do trabalho de campo, uma vez que tive a oportunidade de integrar a equipa coordenadora referente à campanha e de dirigir uma sondagem, desde o seu início até ao seu término. Neste sentido, a área escolhida para implementar a sondagem coincidiu com o troço de muralha do recinto fortificado B, a norte do castelo, com orientação sudoeste-nordeste, por se tratar de uma área pouco explorada até essa altura.

Tal como em campanhas anteriores, no final da campanha realizou-se um dia aberto dedicado à divulgação dos novos dados recolhidos na campanha arqueológica, junto do público interessado. Para além disto, contou-se também com um dia dedicado a

receber os participantes nas Férias Desportivas de Monchique, que consistiu na visita guiada por todo o arqueossítio e também na participação nos trabalhos de escavação.

Como forma de ter contacto com todas as vertentes referentes a um projeto arqueológico, o trabalho de campo teve continuação no trabalho de gabinete, processando os dados recolhidos no terreno, e desenvolvendo a sua análise e o estudo dos materiais recolhidos na sondagem pela qual estive responsável, com o intuito de complementar os dados recolhidos durante o processo de escavação, de modo a fornecer novos dados que ajudem a compreender melhor o arqueossítio.

Os trabalhos referentes ao estágio prático propriamente dito tiveram continuação na Câmara Municipal de Monchique, com o objetivo de ajudar no tratamento dos dados recolhidos na última campanha, bem como colaborar com o arqueólogo municipal nas suas tarefas, tais como supervisionar a colocação de sinalética no Cerro do Castelo de Alferce, fazer acompanhamentos de obras ou continuar o estudo dos materiais exumados nas campanhas arqueológicas passadas.

A componente de escavação decorreu durante os meses de julho, agosto e setembro, com um total de oito semanas dedicadas. A campanha teve o seu início no dia 17 de julho e o seu término a 8 de setembro. O horário de trabalho praticado pela equipa dividia-se em duas componentes diárias. A parte da manhã era dedicada à componente de escavação, enquanto a parte da tarde ficava dedicada ao tratamento de materiais, os quais incluíram a lavagem dos materiais recolhidos, bem como o seu inventário.

Os trabalhos de campo tiveram como principal responsável o arqueólogo do município, Fábio Capela. O projeto conta com a colaboração técnica e científica da Doutora Susana Gómez Martínez (arqueóloga e docente na Escola de Ciências Sociais da Universidade de Évora). Pela primeira vez, o projeto contou com uma equipa de coordenação alargada, com o intuito de ajudar nos trabalhos de campo, composta por Beatriz Pinto (aluna de mestrado em Arqueologia na Universidade do Algarve); Humberto Veríssimo (aluno de doutoramento em Arqueologia na Universidade do Algarve); Daniela Maio (aluna de doutoramento em Arqueologia na Universidade do Algarve) e eu próprio (aluno de mestrado em Arqueologia na Universidade de Évora); Para além disto estiveram sob minha coordenação nos trabalhos de campo em regime de voluntariado os alunos Miguel Costa, Rita Guerreiro e Marco Conceição (alunos da licenciatura em Património Cultural e Arqueologia na Universidade do Algarve); Pedro

Neto (aluno da licenciatura em História e Arqueologia na Universidade de Évora); Rafael Matos (aluno do mestrado em Arqueologia na Universidade de Évora) e Joana Dimas (habitante da freguesia de Alferce).

## Capítulo 1 | Contextualização

### 1. Enquadramento histórico e geográfico

#### 1.1. Contexto geográfico

O Sítio Arqueológico do Cerro do Castelo de Alferce, com o Código Nacional de Sítio (CNS) 1283, encontra-se situado no distrito de Faro, concelho de Monchique, freguesia de Alferce, mais precisamente no extremo oriental do maciço sienítico da serra de Monchique (Capela *et alii*, 2025), com uma localização a cerca de 1 quilómetro em linha reta da aldeia de Alferce (coordenadas segundo o sistema WGS84: latitude – 37° 19' 15.38" N, longitude – 8° 29' 28.42" W) e com acesso através da estrada municipal CM1073.

As suas estruturas ocupam estrategicamente o topo de um cerro com 487 metros de altitude máxima acima do nível médio do mar, o que lhe permite um vasto controlo visual, sobretudo para sul e para este, curiosamente a direção da cidade de Córdoba, capital do emirado omíada instalado. Devido à sua localização junto de dois cursos importantes de água – as ribeiras de Monchique e de Odelouca –, no passado o sítio controlava a ligação do interior serrano ao litoral (Capela *et alii*, 2020).

Salienta-se que o Cerro do Castelo de Alferce se situa numa zona de transição geológica entre os sienitos nefelínicos e os xistos e grauvaques (turbiditos), sendo que o seu substrato rochoso é composto por rochas sieníticas e corneanas (figura 1). Por sua vez o concelho de Monchique apresenta um relevo bastante acidentado, destacando-se a Foia, com uma altitude máxima de 902 metros e a Picota, com uma altitude máxima de 773 metros acima do nível médio do mar. Destaca-se a presença de diversos cursos de água como o do Barranco do Demo, situado a norte do Cerro do Castelo de Alferce, bem como as ribeiras de Monchique e de Odelouca situadas a leste do arqueossítio. Por outro lado, destacam-se outros cursos de água, nomeadamente a Ribeira de Boina, a Ribeira de Odiáxere, a Ribeira do Montinho, a Ribeira da Cerca e a Ribeira de Seixe.

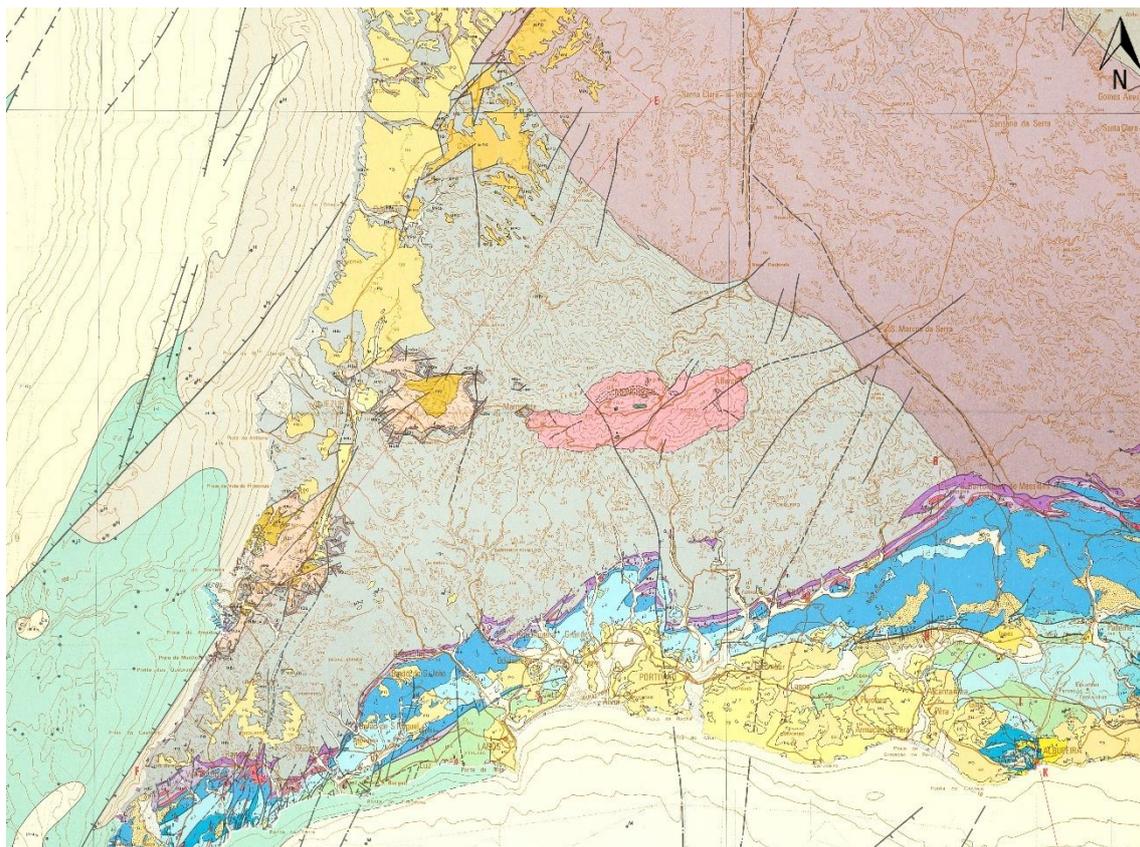
Devido à sua altitude, Monchique é dominado por um clima chuvoso, húmido e de baixas temperaturas durante o inverno, com ocorrência de nevoeiro e nebulosidade derivado da proximidade ao oceano.

Atualmente o arqueossítio encontra-se coberto por sobreiral, bem como mato mediterrâneo. Por outro lado, observa-se também a presença de um eucaliptal tendo como

fim a sua exploração económica (Capela *et alii*, 2020). Em matéria de vegetação realça-se a presença de carvalho-de-Monchique (*Quercus canariensis*), sobreiros (*Quercus suber*), castanheiros (*Castanea sativa*), medronheiros (*Arbutus unedo* L.), adelfeiras (*Rhododendron ponticum* ssp. *baeticum*), zimbros (*Juniperus turbinata*), plátanos (*Platanus Hibrida Brot*) e magnólias (Capela, 2014).

É possível observar uma variada presença de habitats e de diversos reptéis, aves e mamíferos. Podem-se encontrar diversas espécies protegidas como a águia cobreira (*Circaetus gallicus*), águia de bonelli (*Hieraaetus fasciatus*), o rato de cabrera (*Microtus cabrerae*), o cágado (*Lacerta schreiberi*) ou a boga portuguesa (*Chondrostoma lusitanicum*). Importa ainda destacar a descoberta em escavação de vários restos faunísticos de espécies que habitaram e ainda habitam no cerro e na sua envolvência e que integravam a dieta das comunidades que ocuparam o cerro, bem como da atual população de Alferce e de Monchique também. Estas espécies dizem respeito à ovelha (*Ovis aries*), à cabra (*Capra aegagrus hircus*), ao coelho (*Lagomorpha*) e ao veado (*Cervidae*). Destaca-se ainda a presença residual do lince-ibérico (*Lynx pardinus*)

A serra é detentora de múltiplos vales utilizados na prática e na exploração de atividades agrícolas resultantes da fertilidade dos seus solos. Este fator deve-se principalmente à presença de rochas magmáticas na composição dos seus solos, tornando-os mais permeáveis (Capela, 2014). Salienta-se também a presença de diversas árvores de fruto como a macieiras, nogueiras, laranjeiras e figueiras (Leal, 1875). Para além disto realça-se a exploração da pecuária como fonte de rendimento ou de alimento para as populações, bem como a presença de medronho, que para além da produção de água ardente, também este corresponde a uma fonte de alimentação.



**Figura 1** – Carta Geológica de Portugal. Monchique com formação de sienito nefelínico (a rosa) e grauvaques (a verde-claro). Fonte: geoPortal do LNEG, folha nº7, escala 1-200.000 (1983).



**Figura 2** – Localização do Cerro do Castelo de Alferce (estrela amarela). Fonte: Cartas Militares Portuguesas, folhas nº 178 e 186, escala 1:25.000 (excerto adaptado).

## 1.2. Contexto histórico

A ocupação da Península Ibérica pelo poder islâmico terá ocorrido através da realização, primeiro de uma campanha de exploração e posteriormente com o desembarque do exército muçulmano no ano de 711 comandado pelo chefe muladi Tariq b. Ziyad. Este desembarque terá originado um encontro com o rei visigodo Rodrigo que fora derrotado em batalha junto às margens do rio Barbate (Wadi Lago à época). Segundo o historiador Santiago Macias, a conquista da Península Ibérica terá avançado rapidamente tanto fruto da “eficácia do comando militar muçulmano, como da ausência de uma oposição devidamente estruturada” (Santiago Macias, 1992). Do ponto de vista político, o Garb Al-Andalus (o ocidente) representou um afastamento, de forma gradual, da centralização de poderes e atividades económicas do Médio Oriente.

A ocupação islâmica da Península Ibérica caracteriza-se de duas formas distintas: a primeira diz respeito à conquista da zona sul da Península, com a tomada de cidades importantes, tornando fácil a ação ocupacional islâmica. Por outro lado, assiste-se a uma caracterização diferente na zona mais a norte da península, mais propriamente acima do rio Tejo, com exceção da região a norte do rio Douro. Nesta região entre rios assiste-se a uma ocupação por meio de “acordos” (Coelho, 1989, p. 58 *apud* Santiago Macias, 1992, p. 419). Embora as regiões fossem dominadas pelo poder muçulmano, era a comunidade cristã que habitava e cuidava dos territórios, embora com a condição de pagamento de tributos. As razões para este tipo de solução não são concretas, no entanto admite-se a possibilidade desta solução estar relacionada com a divisão existente nas tropas árabes e berberes, a fim de evitar revoltas no seio do Garb Al-Andalus. Também se aceita a possibilidade da inexistência de contingentes militares suficientes para instalar naquelas regiões (Santiago Macias, 1992).

Na década de 750 observa-se a subida ao poder dos Abássidas em Bagdade, estando ligados diretamente à queda do domínio Omíada em Damasco e ao fim do Califado Omíada. Esta ascensão ao poder originou diversas alterações políticas que afetaram também o Al-Andalus. No ano de 756 o Omíada Abd ar-Rahman, desembarca na Península Ibérica e toma o poder de Córdova, intitulado-se de emir, sendo o primeiro de seu nome. É nesta tomada de posição que se dá origem ao Emirado de Córdova, independente do poder estatal instalado no Médio Oriente e marcando de vez um cortar da ligação política com a região. Face a estes acontecimentos observa-se o início de um período bastante conturbado no Garb Al-Andalus com o início de uma sucessão de

revoltas contra o poder estatal do Emir de Córdoba. Estas rebeliões, originadas principalmente por muladis e moçárabes, mas também de árabes e berberes, tiveram como ponto fulcral a luta continuada com o emirado Omíada procurando a descentralização de poderes, a autonomia das aristocracias locais e o controlo do território e a da sua população camponesa. Desta forma, o poder Emiral de Córdoba encontrava-se enfraquecido. Esta sucessão de revoltas dura mais de um século, tendo sido serenadas já em pleno século X pelo Emir Abd ar-Rahman III, mostrando-se focado em reduzir as várias revoltas por meio de campanhas militares. O sucesso nesta missão permitiu que, durante o seu período de governação, tenha lugar uma mudança no regime político com a transição de um emirado para um califado - dando assim origem ao Califado de Córdoba. Trata-se de um período de imposição do poder estatal, promovendo um período de estabilidade política.

Segundo o historiador Santiago Macias, é durante o período califal que se procede a reformas aprofundadas nos contingentes militares omíadas de forma a estabilizar o poder estatal. Desta forma, um dos procedimentos implementados baseou-se no recrutamento e inclusão de berberes e mercenários nos contingentes militares, tendo sido como uma das medidas fulcrais para o atenuar dos levantamentos revoltosos que se verificavam contra o poder Emiral de Córdoba desde finais do século VIII d.C. e que perduraram até ao início do século X (Santiago Macias, 1992). No entanto, a política utilizada como forma de controlo dos grupos de poder local teve um efeito de “cavalo de Troia”. Foram precisamente esses grupos de poderes locais e regionais que, aos poucos, foram minando o seio da dinastia Omíada, resultando no seu desmoronamento, com um impacto direto no Al-Andalus, onde se assiste ao nascimento de novos reinos independentes – os designados reinos Taifas – dando assim início a uma nova forma de governo e de reorganização territorial do Al-Andalus.

Do ponto de vista dos modelos de povoamento no Garb Al-Andalus verifica-se um paradigma de continuação ao verificado na Antiguidade Tardia: progressivamente, vão-se desenvolvendo mudanças. No que diz respeito aos núcleos urbanos, observam-se alterações estruturais através da construção de alcáçovas, mesquitas e *maqbaras* (Gómez Martinez, 2022). No que respeita aos núcleos rurais assiste-se, por um lado, a uma ocupação das antigas *villae* romanas que, após perderem o seu poder transformam-se em autênticas aldeias ocupadas por camponeses que se servem destas como forma de apoiar as suas atividades agrícolas. Por outro lado verifica-se o surgimento de povoamentos

rurais em zonas montanhosas, pantanosas e em grutas (Gómez Martínez, 2022). Desta forma pode-se associar as antigas *villae* a povoados não fortificados documentados durante o período emiral omíada. Por outro lado ainda, também se verifica o surgimento de alcarias que se caracterizam pela ausência de um aspeto defensivo, ou seja, povoados não fortificados.

Uma outra forma de povoamento consistiu em povoados de altura, em alguns casos fortificados, promovidos por comunidades locais ou por rebeldes ao poder de Córdoba que, em época califal, passarão a controlo estatal e se articularão com novas fortificações – os chamados *hiṣn*, *huṣūn* no plural – formando uma rede de fortificações para o controlo do território. Olhando para o Cerro Castelo de Alferce, admite-se a possibilidade desta fortificação corresponder a este modelo de povoamento, englobado nas estruturas do poder Omíada na região do Garb Al-Andalus.

Dada a carência de fontes escritas durante o período Emiral, destaca-se a arqueologia como principal produtor de dados científicos, sobretudo no que a povoados fortificados diz respeito. Cláudio Torres apresenta uma proposta de organização dos povoados rurais fortificados. Basicamente, este distingue-os através da sua forma de exploração dos recursos: os povoados sobre pequenas elevações que controlam e exploram terrenos férteis, os povoados fortificados destinados à criação de gado, caracterizados pela presença de albacares e pequeno recintos fortificados e os povoados de altura – como o caso do Cerro do Castelo de Alferce – que se distinguem por se inserirem em locais de povoados primitivos (Cláudio Torres, 1992).

Por sua vez, e analisando a rede de fortificações do barlavento algarvio na qual se insere o Cerro do Castelo de Alferce, percebe-se que muitas destas fortificações transitam desde a Antiguidade Tardia, mas a carência de estudos e escavações arqueológicas dificultam a atribuição de cronologias e de evolução no tempo, à exceção de casos como o Castelo Velho de Alcoutim (Gómez Martínez, 2022). No fundo, estas fortificações detêm um importante papel no controlo dos recursos naturais circundantes e, principalmente, no controlo das vias de comunicação. Durante a ocupação rebelde no Cerro do Castelo de Alferce interessava controlar as vias de comunicação a leste e a sul pela maior probabilidade de movimentações de contingentes militares por parte do poder Omíada de Córdoba ocorrerem nessas direções.

## Capítulo 2 | Sítio Arqueológico do Cerro do Castelo de Alferce

### 2. SACCA – Sítio Arqueológico do Cerro do Castelo de Alferce

#### 2.1. Estado da investigação

##### 2.1.1. As fontes escritas

O topónimo de Monchique, segundo Virgílio Martínez Enamorado e Fábio Capela, terá evoluído da seguinte forma: “Mons Săcĕr ou Montem Săcrum (latim) > Mόνte Sácre (idioma moçárabe) > Muntšāqir (grafia árabe normalizada) > Muntšīqir (possível fonética em árabe resultante da conversão de uma vogal no vocábulo Šāqir>Šīqir) > Mon(t)chiquer (provável evolução em português medieval, com a transformação do -š- em -ch- e a queda do -t-) > Monchique (grafia atual, com a queda do -r- idêntica ao caso de Montejaque)” (Martínez Enamorado *et alii*, 2014).

Posto isto, admite-se a possibilidade de Monchique ter entrado na historiografia, segundo alguns investigadores (E. Lévi-Provençal, M. Velho e Ch. Picard, entre outros) através de uma citação de Ibn Hayyan que revela o paradigma desta região por volta do século IX (Martínez Enamorado *et alii*, 2016). Este período é fortemente marcado por momentos de revoltas contra o poder de Emiral de Córdoba, proporcionando um período de instabilidade política no al-Andalus.

Através das crónicas narradas por Ibn Hayyan percebe-se que o Castelo de Alferce, ou Castelo de Pedra Branca como é também conhecido – muito provavelmente devido aos seus revestimentos de argamassas à base de cal (branca) – entra na historiografia do Al-Andalus através do relato de uma panóplia de revoltas contra o poder Emiral de Córdoba. Desta forma podemos isolar dois momentos importantes relatados e que ajudam a contextualizar o arqueossítio no tempo e no espaço. Importa destacar o episódio do chefe berbere Maḥmūd b. ‘Abd al-Jabbār b. Zāqila al-Māridī que se terá rebelado contra o poder de Córdoba na região de Mérida e Badajoz entre os anos 833-835. É nesta sequência que se desloca para a região de Ossonoba, caracterizada pelas suas terras férteis e pela vantagem montanhosa que dificultaria a acessibilidade ao território, permitindo assim uma autodefesa mais eficaz, onde terá permanecido por um período de cinco anos (Martínez Enamorado *et alii*, 2016). Observando o território percebe-se de facto que a vantagem montanhosa é resultante da presença da Foia e da Picota que juntas formam a Serra de Monchique. Admite-se então a possibilidade de a fundação do Cerro do Castelo de Alferce, mais propriamente do recinto fortificado B (figura 3) ter ocorrido

neste período. No ano de 835 o Emir de Córdoba efetua uma expedição por todo o Garb al-Andalus com o objetivo de pacificar a região, porém a área onde se refugiava Maḥmūd b. ‘Abd al-Jabbār fica protegida devido ao difícil acesso por causa das suas montanhas. Este seria expulso da região por habitantes locais por volta do ano 838. Posteriormente ter-se-á refugiado na região da Galícia (Martínez Enamorado *et alii*, 2016). Passados sensivelmente cinquenta anos, mais precisamente no ano de 884, relata-se outro episódio revoltoso, desta vez tendo como protagonista o celebre Abd al-Raḥmān b. Marwān al-Jillīqī, que se revolta contra o poder Emiral na cora de Ocsonoba, justamente nas montanhas do barlavento algarvio, onde se terá refugiado. Admite-se a possibilidade da reformulação do espaço e conseqüente edificação do recinto fortificado D (figura 3) ter ocorrido neste período.



**Figura 3** – Planta geral do Sítio Arqueológico do Cerro do Castelo de Alferce. Planta cedida cordialmente por Fábio Capela.

### 2.1.2. A investigação arqueológica

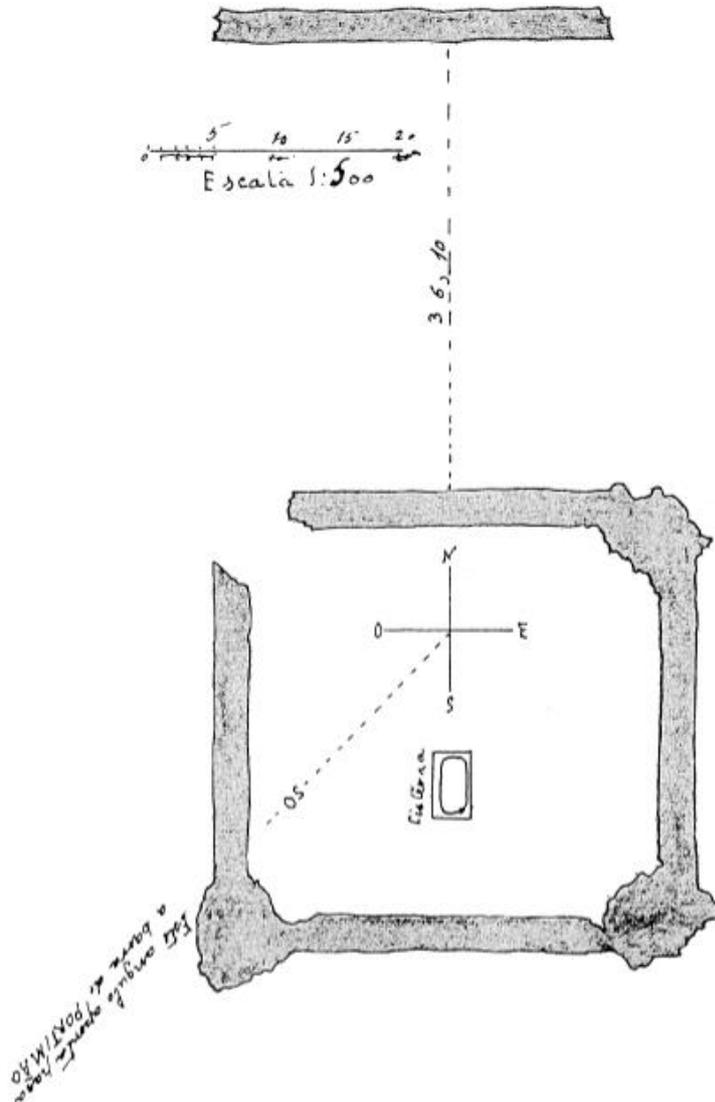
O Sítio Arqueológico do Cerro do Castelo de Alferce corresponde a um povoado fortificado que conta com registos arqueológicos escritos desde os finais do século XIX. Segundo Monsenhor Botto, ter-se-ão recolhido artefactos arqueológicos provenientes do Cerro do Castelo de Alferce e enquadráveis na pré-história recente (Botto, 1899). Encontram-se também referências a escavações que terão sido realizados por populares e/ou exploradores – portanto estamos perante uma das mais antiga referências de bibliográfica arqueológica sobre o arqueossítio (Capela *et alii*, 2020).

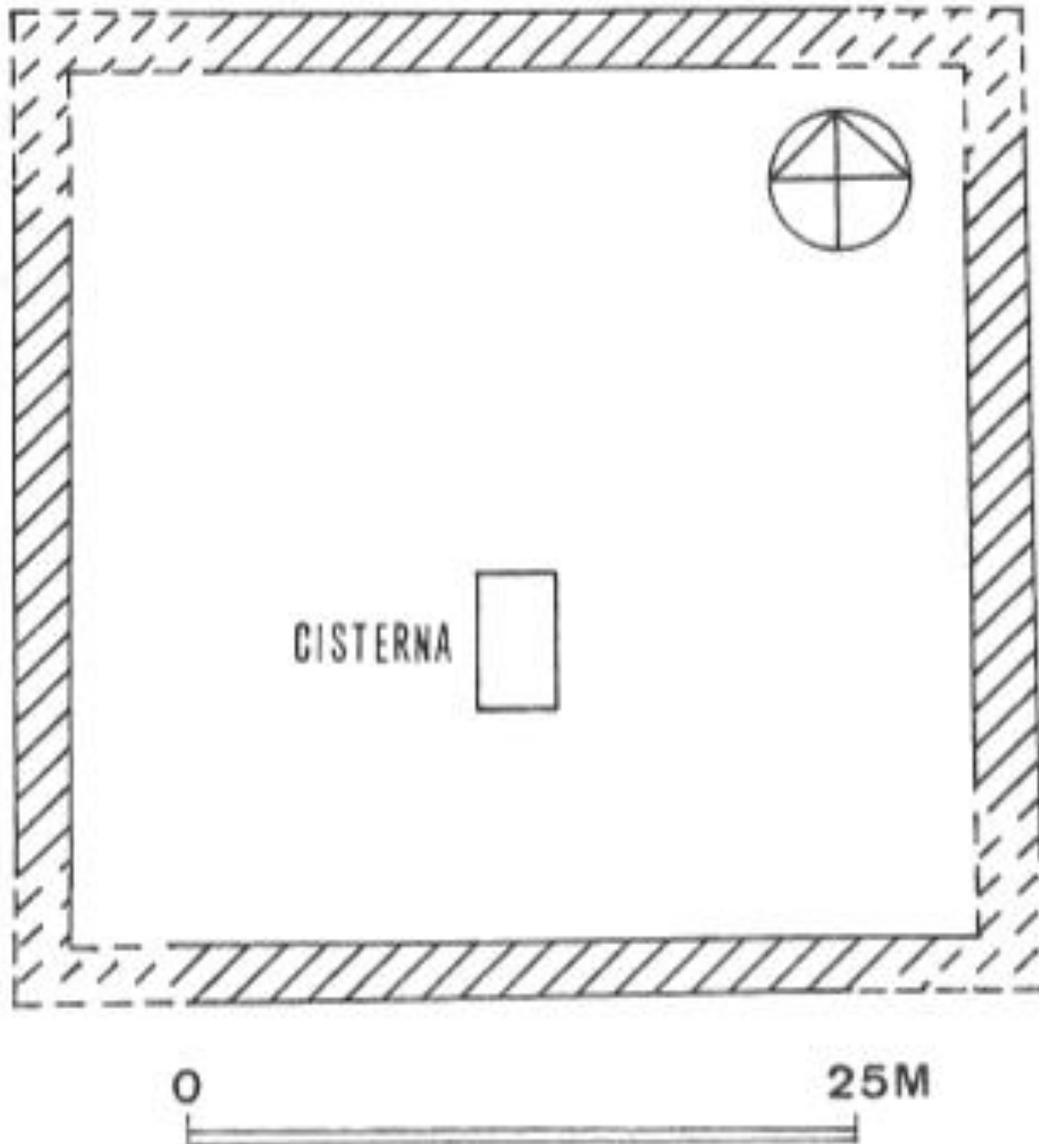
A primeira Carta Arqueológica dedicada ao território português foi publicada em 1883 por Estácio da Veiga, que foi encarregue de fazer um levantamento dos vestígios arqueológicos do Algarve que terão ficado visíveis após fortes cheias terem afetado a região. Todavia, mais tarde terá desenvolvido uma segunda carta dedicada ao território algarvio – publicada postumamente em 1910 – onde se encontram referências ao Cerro do Castelo de Alferce. É na sequência da sua passagem pelo arqueossítio que Estácio da Veiga esboça a primeira planta do Castelo de Alferce (figura 4) onde representa o recinto fortificado A – com exceção do seu canto noroeste – com um formato quadrangular bem como parte do tramo de muralha norte do recinto fortificado B (Capela, 2017).

Planta n.º 15

Concelho de Monchique  
FREG. DE S. ROMÃO EM ALFERCE

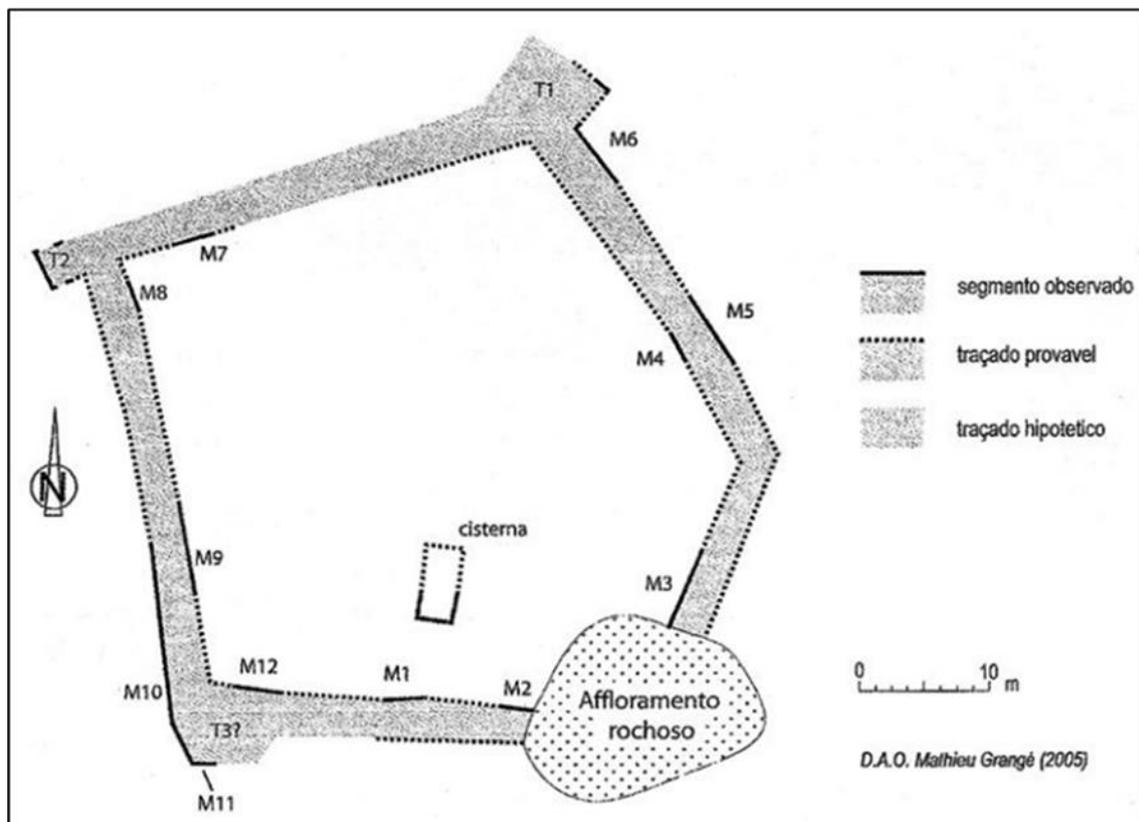
Planta de uma fortificação anasada, descrita no caderno do SERRO DO CASTELLO,  
levantada a vista por  
S. P. M. X. S. T. A. C. S. O. D. A. V. E. I. G. S.





**Figura 5** – Planta de Rosa Varela Gomes (esboço do recinto A). Planta cedida cordialmente por Fábio Capela.

No entanto, foi somente entre os anos de 2002 e 2004 que se realizaram as primeiras intervenções arqueológicas devidamente documentadas, efetuadas por uma equipa franco-belga liderada pelo arqueólogo Mathieu Grangé. Estes trabalhos consistiram em quatro sondagens realizadas junto ao terço sul do tramo de muralha oeste do recinto fortificado A – sendo que uma ficou junto à face interna do tramo de muralha e as restantes três junto à face externa do tramo de muralha suprarreferido. No seguimento destes trabalhos surge a primeira planta de formato pentagonal irregular (figura 6).



**Figura 6** – Planta de Mathieu Grangé (2006) – Recinto A (in MEULEMEESTER *et alii*, 2006 – excerto adaptado).

Com o objetivo de planejar o primeiro Projeto de Investigação Plurianual em Arqueologia (PIPA) sobre o Sítio Arqueológico do Cerro do Castelo de Alferce, efetuaram-se no verão de 2017, mais propriamente no mês de agosto, duas sondagens arqueológicas exploratórias com o intuito de avaliar o potencial arqueológico e estratigráfico do sítio. As áreas intervencionadas incidiram na face interna do tramo de muralha norte do recinto fortificado B, bem como na denominada plataforma pré-histórica, situada a oeste das ruínas dos recintos fortificados A, B e D e que contém uma elevada concentração de materiais arqueológicos cerâmicos enquadráveis na pré-história recente. No entanto os dados mais recentes não revelaram qualquer estrutura associada aos materiais, tratando-se de uma área que, aparentemente terá sido totalmente arrasada pela exploração agrícola.

O recinto fortificado B é o mais antigo e enquadrar-se-á no período Emiral (séculos IX-X d.C.). Terá tido a sua fundação após o refúgio de revoltosos contra o poder Emiral da dinastia Omíada de Córdoba e que se terão encastelado naquela zona. Este

recinto tem uma área intramuros de aproximadamente 2400 m<sup>2</sup> e um formato de polígono irregular. No estado atual da investigação, contanto com a campanha de 2024, apenas se conhecem em pormenor duas torres (T9 e T10) (figura 7), com formatos retangular e quadrangular, que se encontram adossadas à face externa do tramo de muralha oeste. No seu interior detetaram-se, até ao momento, vestígios habitacionais, como restos de muros pertencentes a prováveis casas e de silos usados para armazenar e conservar alimentos.

O recinto fortificado D surgiu, muito provavelmente, durante a segunda ocupação de revoltosos contra o poder Emiral de Córdoba em finais do século IX d.C e corresponde a um momento de reformulação do espaço com a criação de um provável alcácer através da construção de um tramo de muralha que se encontra sob o tramo de muralha norte do recinto fortificado A (figura 7).

Este último terá sido erguido durante o domínio Califal de Córdoba (século X d.C.) e observa-se uma reformulação total do espaço com a desativação dos recintos B e D. Vulgarmente chamado de Castelo de Alferce, é contemporâneo de outras fortificações de período Omíada encontradas no sul do país (Capela, 2025). Apresenta planta de formato pentagonal irregular, com oito torres defensivas de formato retangular e quadrangular identificadas até ao momento (dados da campanha de 2024) e adossadas pelo exterior aos tramos de muralha, podendo existir mais uma na sensivelmente a meio do tramo de muralha oeste – este dado requer futuros trabalhos de escavação. No interior do recinto A, encontra-se uma cisterna com orientação N-S e configuração retangular (figura 7).

Ao contemplar a planta desenhada por Estácio da Veiga, observa-se a ausência do canto noroeste do recinto fortificado A. É precisamente por este motivo que se decidiu explorar afincadamente toda esta área, onde se encontram também a maioria das sondagens arqueológicas, todas elas implementadas no terreno de forma estratégica com o intuito de ajudar a fornecer novos dados científicos que contribuam para que se conheça cada vez melhor o arqueossítio. Por outro lado, a sondagem que eu coordenei e que forneceu dados para este relatório de estágio (sondagem V do sector 1) incide no recinto fortificado B, mais precisamente no tramo de muralha norte, tratando-se da segunda sondagem arqueológica que incide neste tramo de muralha. O recinto fortificado C destaca-se por ser o maior identificado até ao momento, circunda todo o cerro e tem uma área intramuros de aproximadamente 9 hectares. Admite-se a possibilidade de este ser contemporâneo do recinto fortificado A, uma vez que ambos apresentam vestígios de um

aparelho construtivo em *opus spicatum*. A sua entrada situa-se na zona sudoeste do cerro (Capela *et alii*, 2025).



Figura 7 – Planta geral dos recintos fortificados A, B e D. Planta cedida cordialmente por Fábio Capela.

## **2.2. Campanha arqueológica SACCA23**

### **2.2.1. Metodologia**

Embora se encontre em ruínas, ainda é possível perceber – em alguns pontos – o desenvolvimento das estruturas que subsistem no topo do Castelo de Alferce no terreno, sobretudo dos tramos de muralha dos recintos fortificados A, B e C. Deste modo, a metodologia dos trabalhos de campo consistiu na escavação arqueológica através de grandes sondagens que coincidam com estruturas. Para além dos dados científicos recolhidos que permitem compreender melhor as técnicas de construção e os vários momentos de ocupação, o objetivo também é permitir ao público um vislumbre sobre o Alcácer islâmico e valorizar o património arqueológico da freguesia de Alferce.

Os trabalhos de campo recaíram no processo de escavação arqueológica seguindo os princípios de Edward Harris (Harris, 1979), quer isto dizer que as unidades estratigráficas se escavaram no sentido inverso da sua deposição – do mais recente para o mais antigo. As terras provenientes das sondagens foram crivadas e, em alguns casos, recolheram-se amostras de sedimento para futuros estudos de arqueobotânica. O processo de registo de campo é complementado com as fichas de UE (figuras 8, 9, 10 e 11) desenhadas especificamente para o projeto, onde consta a descrição das camadas arqueológicas, bem como o registo gráfico (desenho de campo) e as cotas topográficas a acompanhar o grafismo. Desenvolveram-se três tipos de fichas de campo: uma destinada a descrever as unidades de depósito; outra destinada a descrever as unidades murais e por fim outra destinada a descrever unidades interfaciais.

Os trabalhos de campo apenas decorreram durante a parte da manhã, ao que o período pós almoço fica dedicado para o tratamento dos materiais recolhidos, os quais são lavados e inventariados na base de dados do projeto SACCA. O estudo dos mesmos é feito nos meses seguintes ao término dos trabalhos de campo. Para além de se tratar de um projeto de investigação e valorização, os trabalhos realizados nas campanhas arqueológicas servem também como campo escola, integrando o envolvimento de alunos de arqueologia de diversas universidades que procuram desenvolver as suas capacidades, conhecimentos e experiências na vertente arqueológica. Por outro lado, realça-se o envolvimento da comunidade local que colaborou na salvaguardar e valorizar o património da sua terra.





**SACCA**  
Sítio Arqueológico do Cerro do Castelo de Alferce

Acrónimo

UE [E.I.]

sector

sondagem

quadricula

relações estratigráficas

coberta por	<input style="width: 50px; height: 20px;" type="text"/>								
assenta sobre	<input style="width: 50px; height: 20px;" type="text"/>								
corta a	<input style="width: 50px; height: 20px;" type="text"/>								
cortada por	<input style="width: 50px; height: 20px;" type="text"/>								
encosta a	<input style="width: 50px; height: 20px;" type="text"/>								
correlacion. c/	<input style="width: 50px; height: 20px;" type="text"/>								
outras relações	<input style="width: 100%; height: 20px;" type="text"/>								

seqüência estratigráfica / matriz

interpretação

periodização

período

fase

documentação fotográfica    R     F

documentação gráfica    PL     CT     PF

data                       assinatura

Figura 9 – Ficha de campo de unidade estratigráfica de interface utilizada no projeto SACCA.



**SACCA**  
Siteo Arqueológico do Cerro do Castelo de Alferce

Acrónimo

UE [M.]

sector

sondagem

quadricula

**descrição**

material const. que o forma

material const. que o une

aparelho

paramento

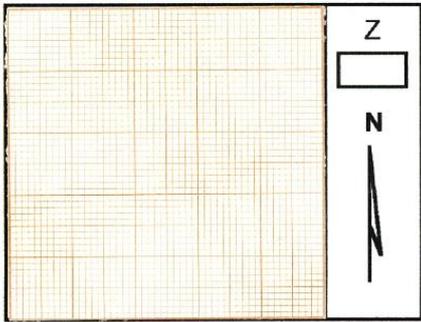
elementos decor. e archit.

estado de conservação

dimensões (larg./compr./alt.)  /  /

**relações estratigráficas**

coberta por	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
assenta sobre	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
corta a	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
cortada por	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
encosta a	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
correlacion. c/	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
outras relações	<input style="width: 100%; height: 20px;" type="text"/>								



**matriz**

<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

**amostras**

**interpretação**

**periodização**

período

fase

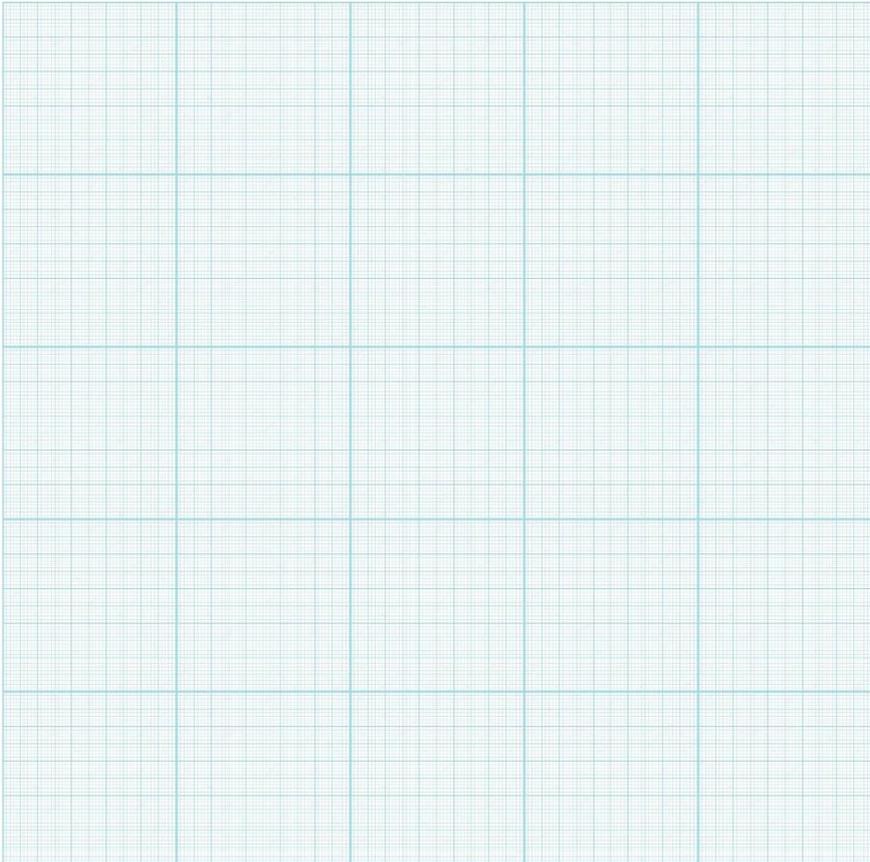
doc. gráfica PL  CT  PF/ALÇ

doc. fotográfica R  F  data / assinatura

Figura 10 – Ficha de campo de unidade estratigráfica mural utilizada no projeto SACCA.

**Descrição Detalhada:**

**Registo Gráfico:**



**Figura 11** – Reverso das fichas de campo utilizadas no projeto SACCA.

### 2.2.2. Descrição dos trabalhos de campo e da sequência estratigráfica

Os trabalhos de campo, no que ao meu estágio de mestrado diz respeito, direcionaram-se principalmente para a implementação de uma sondagem arqueológica (sondagem V do sector 1) de 4 x 2 metros, da qual fui responsável durante todo o processo, tanto do trabalho de campo como do trabalho de gabinete. Situa-se junto à face interna do tramo de muralha norte do recinto fortificado B e junto do afloramento rochoso a leste deste tramo de muralha. Nesta área, a muralhada do recinto fortificado B é visível à superfície.

A sondagem foi implementada neste local com o objetivo de perceber como este tramo de muralha se desenvolvia junto do afloramento rochoso, bem como apurar o seu estado de conservação e altura preservada. Para além disto, pretendia-se também compreender a estratigrafia do terreno naquela zona e o seu potencial, visto que a sondagem I de 2017 incide no mesmo tramo de muralha, com a particularidade de esta infletir para sul naquela sondagem. Neste sentido pretendia-se também compreender as correlações estratigráficas destas duas sondagens.

A estratigrafia desta sondagem é maioritariamente formada por níveis de aterro e de derrube/destruição relacionados com o tramo de muralha norte do recinto fortificado B e de uma estrutura, possivelmente habitacional, que surgiu durante os trabalhos de campo. A primeira unidade [01] corresponde à camada de superfície. Continha elementos pétreos de pequeno e médio porte e tinha a particularidade de cobrir toda a sondagem, com a exceção dos dois blocos pétreos, pertencentes ao tramo de muralha nordeste-sudoeste do recinto B, situados mais a este da sondagem. As duas unidades estratigráficas de depósito [02] e [04], que surgiram imediatamente à remoção da camada de superfície, correspondem a níveis de destruição e aterro relacionados com a construção de uma estrutura inédita [06] que surgiu após a remoção destas. Esta estrutura inédita interpretou-se como sendo pertencente a uma construção de cariz habitacional, dado que apresenta semelhanças construtivas com a estrutura encontrada na sondagem II e III do sector 1.

A sua construção é executada com blocos de sienito em que o seu ligante é terra crua e terá sido construída num momento posterior ao do tramo de muralha norte do recinto B [03], visto que encosta ao mesmo, e num momento posterior ao de um silo, o silo 1, uma vez que parte do teu topo está sob a referida estrutura habitacional. Apenas se preservou a fiada de pedras correspondente à fundação da estrutura.

A unidade estratigráfica [03] diz respeito à face interna do tramo de muralha norte do recinto fortificado B, este é constituído por blocos de sienito afeiçoados e dispostos horizontalmente, sendo o seu ligante formado por terra crua. Este tramo de muralha encosta e assenta no substrato rochoso junto ao perfil leste da sondagem, onde se encontra um enorme afloramento natural, e apenas se conserva uma altura máxima de 0,65 m nesta sondagem.

As unidades estratigráficas [05 e 07] encontraram-se imediatamente sob as UEs 04 e 06 e cobrem praticamente toda a sondagem, correspondem a uma camada de aterro e/ou nivelamento prévio à construção do tramo de muralha norte do recinto B [03] e dos silos 1 e 2, bem como da eventual estrutura habitacional [06], apenas foram individualizadas pelo facto de [05] assentar diretamente no substrato rochoso e por se encontrar no extremo leste da sondagem, imediatamente a este da estrutura habitacional. A UE07 assenta na unidade estratigráfica [10], que corresponde a uma camada pré-geológica, bastante barrenta, compacta e estéril de materiais arqueológicos.

Foi na camada de aterro UE07 onde se escavaram os silos 1 e 2, bem como a vala de fundação do tramo de muralha norte do recinto B. No entanto, individualizaram-se outras duas camadas [08 e 09] no mesmo momento que a unidade estratigráfica [07]. A unidade estratigráfica [08] correspondia a um aglomerado de pedras de pequeno e médio porte, compatível com uma camada de derrube associado à estrutura [06]. A unidade estratigráfica [09] correspondia ao topo do enchimento do silo 2.

A vala de fundação do tramo de muralha norte do recinto B cortou a UE07 e, parcialmente, a UE10, à medida que foi escavada, esta apresentava um jeito de rampa, compatível com o formato de uma vala de fundação e apresentava as seguintes dimensões: largura mínima: 0,12m; máxima: 0,15m no seu topo; profundidade máxima: 0,36m; mínima: 0,20m – junto ao limite leste, onde se encontra afloramento rochoso. Só surgiu nos dois terços a oeste da sondagem, uma vez que junto ao perfil leste o tramo de muralha nordeste-sudoeste assenta sobre o substrato rochoso.

O silo 1 [10D] foi escavado nas UEs 07 e 10, e também, parcialmente, no substrato rochoso. Apresenta uma forma ligeiramente abaulada, com um fundo ligeiramente convexo e uma boca oval. A sua profundidade máxima era de 1,28 m; a largura aproximada da boca era de 0,86 m e a sua largura máxima era de aproximadamente 0,92 m.

O silo 2 cortou as UEs 07 e 10. No entanto, apenas se escavou cerca de 0,50 m, uma vez que metade do silo se encontra para além do perfil oeste da sondagem e requer alargamento da mesma.

Os dois silos apresentam indícios de terem sido desativados e preenchidos com sedimento e elementos pétreos de vários portes, bem como lixo cerâmico. O silo 1 forneceu uma interessante panóplia de materiais arqueológicos, entre eles um fragmento de vidro, e bastantes cerâmicas, entre as quais dois fragmentos de bordo com bojo, um deles com uma asa inteira, pertencentes a panelas de época omíada, bem como um conjunto de fragmentos pertencentes a um cântaro e que colam entre si. Surgiu também um fragmento cerâmico com decoração de excisão podendo pertencer a uma tampa ou tabac para levar o pão ao forno, bem como um fragmento de bojo com decoração em cordão digitado.

A unidade estratigráfica [10] surge a cerca 0,50 m e corresponde a uma camada estéril e argilosa, bastante compacta, correspondente ao pré-geológico local, que também fora encontrado nas restantes sondagens arqueológicas. Optou-se por se segmentar esta UE, deixando-se preservado 1,10 m junto ao perfil oeste da sondagem, justamente onde se contra o silo 2. Esta segmentação, para além de ter o objetivo de preservar o silo 2, serviu também para se compreender a unidade estratigráfica [10].



**Figura 12** – Vista oeste da sondagem V do Sector 1 (tramo de muralha norte do recinto fortificado B assinalado a vermelho).

©José Vinagre



**Figura 13** – Vista sul do tramo de muralha de sentido norte [03] do recinto fortificado B e do muro de uma possível estrutura habitacional [06].

©José Vinagre.



**Figura 14** – Vista oeste da descoberta da vala de fundação [07B] do tramo de muralha de norte [03] do recinto fortificado B.

©José Vinagre.



**Figura 15** – Vista sul da vala de fundação [07B] do tramo de muralha norte [03] do recinto fortificado B (após escavação).  
©José Vinagre.



**Figura 16** – Vista este da vala de fundação [07B] do tramo de muralha norte [03] do recinto fortificado B (após escavação).  
©José Vinagre.



**Figura 17** – Vista oeste do topo do enchimento do Silo 2 [09].  
©José Vinagre.



**Figura 18** – Vista este do enchimento do Silo 2 [09B].  
©José Vinagre.



**Figura 19** – Vista norte do topo do enchimento do Silo 1 [10A].  
©José Vinagre.



**Figura 20** – Vista oeste do enchimento do Silo 1 [10A, 10B e 10C] após a sua escavação.  
©José Vinagre.



**Figura 21** – Vista este do interior do Silo 1.  
©José Vinagre



**Figura 22** – Punção em bronze [sondagem V, sector 1] (foto de pormenor).  
©José Vinagre.



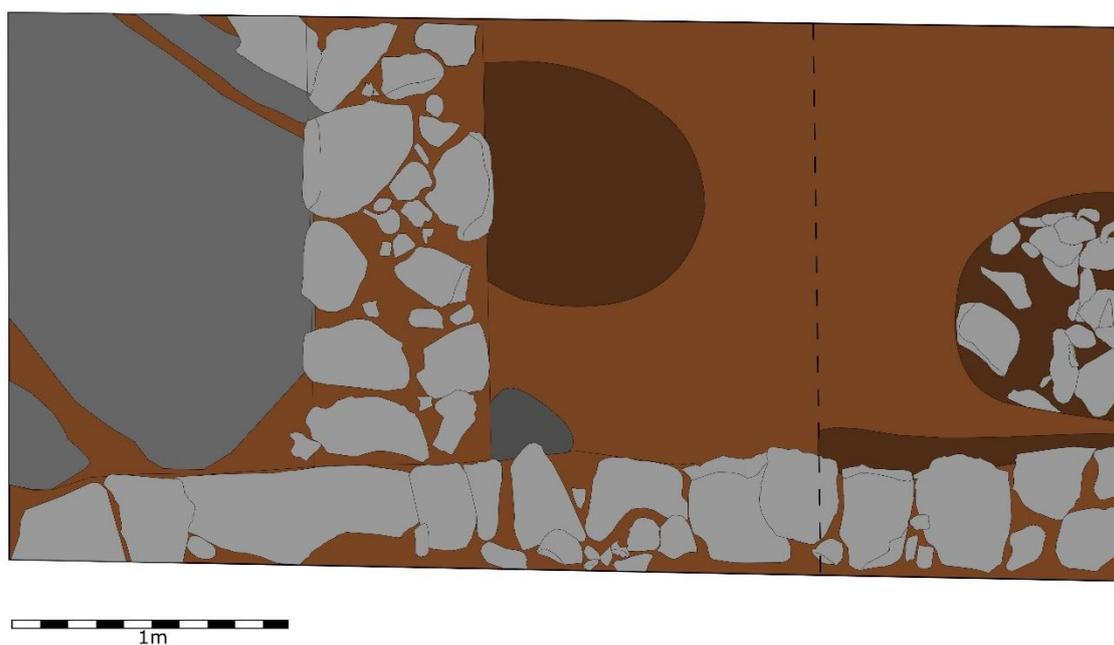
**Figura 23** – Enchimento [07A] da vala de fundação [07B] do tramo de muralha norte [03] do recinto fortificado B (foto de pormenor).  
©José Vinagre.



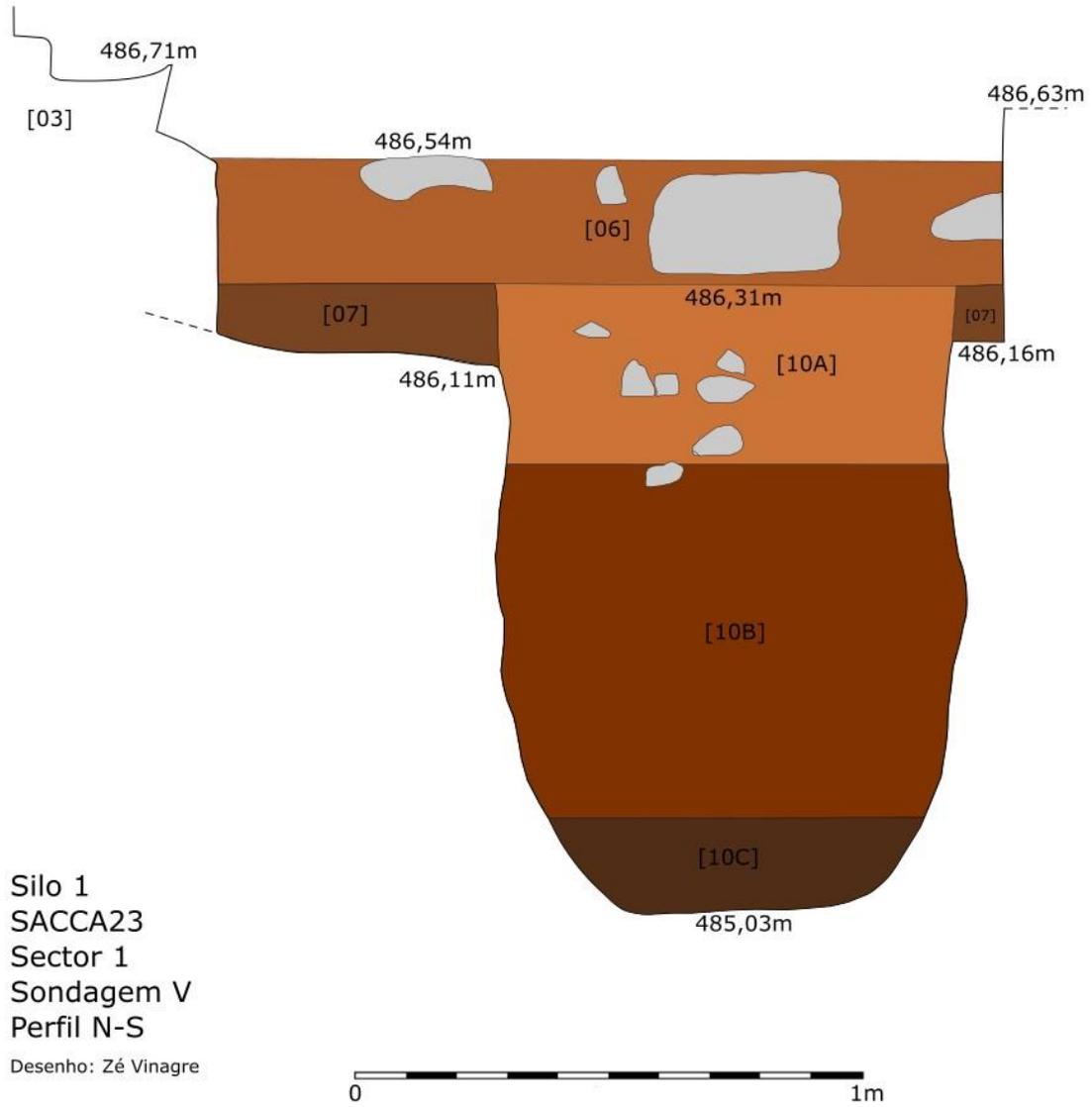
**Figura 24** – Fragmentos de fundo de cântaro (SACCA-23 71). Interior do Silo 1. (foto de pormenor).  
©José Vinagre.



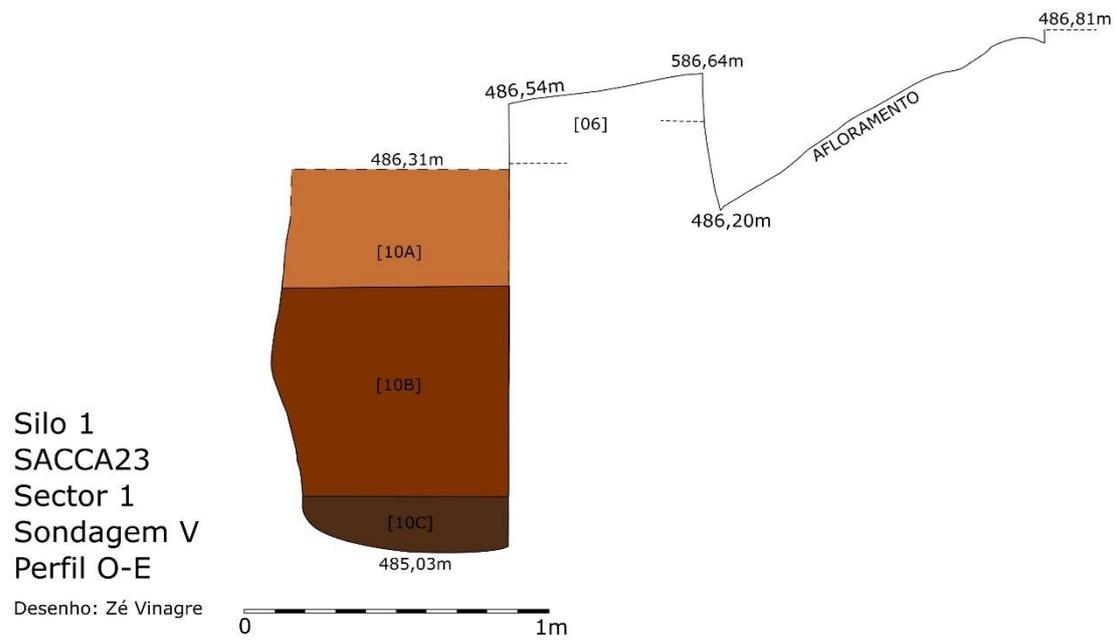
**Figura 25** – Vista geral da sondagem V do sector 1.  
©Humberto Veríssimo



**Figura 26** – Desenho técnico da sondagem V do Sector 1.  
©José Vinagre

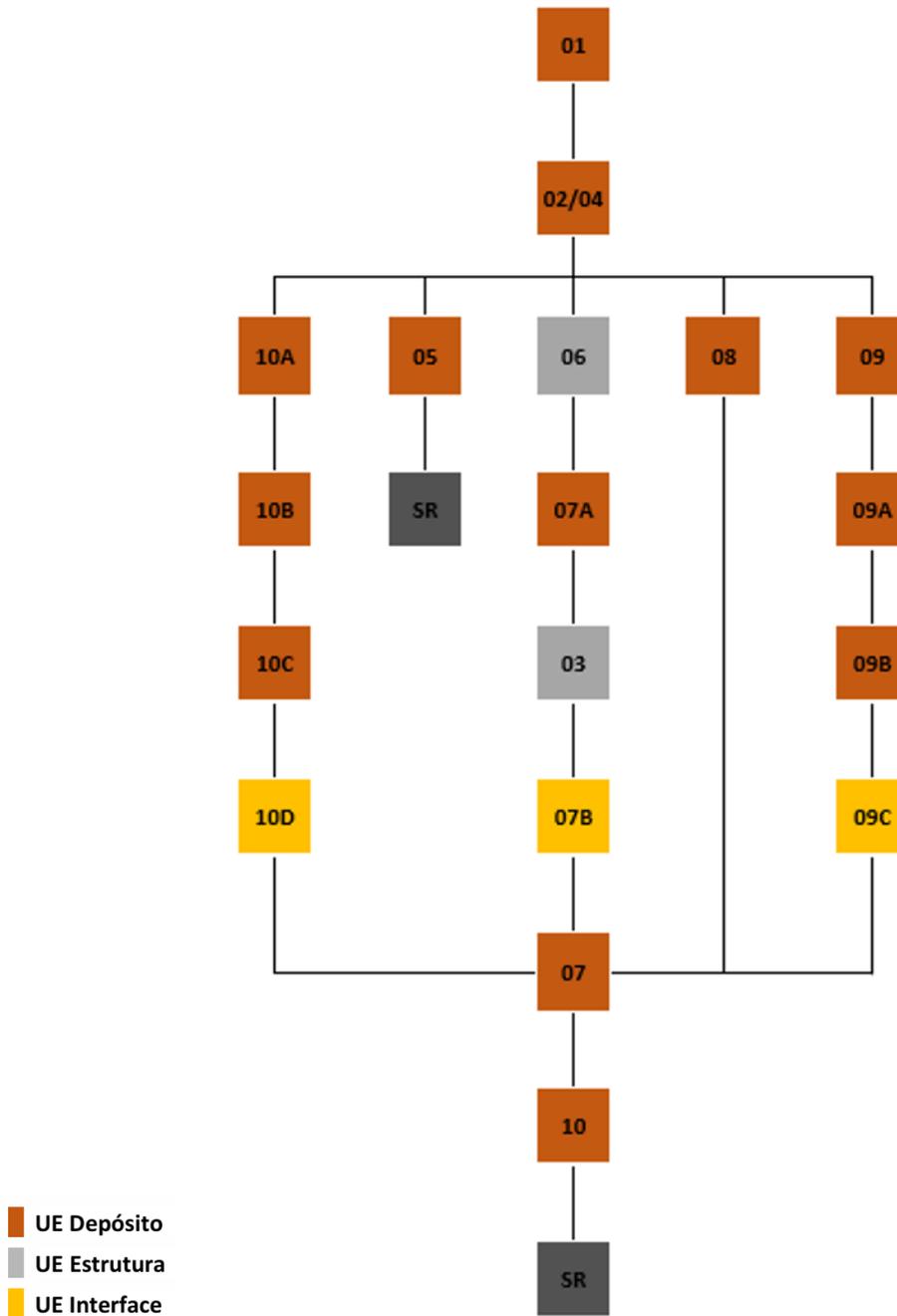


**Figura 27** – Desenho técnico do perfil N-S do Silo 1.  
©José Vinagre



**Figura 28** – Desenho técnico do perfil O-E do silo 1.  
 ©José Vinagre

2.2.3. Matriz de Harris



Matriz de Harris da estratigrafia da sondagem V, sector 1  
 ©José Vinagre (alterar mural)

## 2.2.4 Descrição das unidades estratigráficas da campanha de 2023

### Sector 1 - Sondagem V (4 m x 2 m)

Sondagem formada nomeadamente por níveis de aterro, de circulação e de derrube relacionados com a construção, utilização e destruição de duas estruturas em pedra (recinto fortificado B e presumível estrutura habitacional) e de dois silos. Considerando os materiais arqueológicos exumados infere-se que a cronologia de depósito dos níveis de aterro identificados é enquadrável no período islâmico, concretamente na época omíada (séculos IX-XI d.C.). Todavia, os níveis inferiores incluem espólios residuais enquadráveis na Pré-História Recente (III-II milénios a.C.).

UE01 – Sedimento arenoso e solto, de grão fino, com coloração castanho-escuro e homogéneo, com presença residual de pedras de pequeno e médio porte. Presença de bastantes bioturpações (camada de superfície). Assenta sobre a UE 02 e, parcialmente, sobre a 03 e sobre o substrato rochoso – neste último caso junto ao perfil leste da sondagem. Encosta à UE03 junto ao perfil leste da sondagem (os dois blocos pétreos mais a este da muralha). Baixa concentração de materiais (somente dois fragmentos cerâmicos, um dos quais de construção). A espessura desta camada oscila entre 0,04 m e 0,09 m.

UE02 – Sedimento arenoso, de grão médio/grosso (textura granulosa), com coloração castanho acinzentado (provavelmente influência das cinzas do incêndio de 2018), pouco compacto, com presença residual de pedras de pequeno e médio porte. Presença de nódulos de sienito em desagregação e bioturpações. Assenta sobre as UEs 03 (zona central da parte norte da sondagem), 04 e, parcialmente, sobre a 06 e o substrato rochoso – junto ao perfil leste da sondagem. Encosta à UE03. Correlaciona-se com a UE04. Camada associada a um nível de aterro originado na sequência da destruição da eventual estrutura habitacional [06]. Baixa concentração de materiais arqueológicos (sobretudo cerâmica de construção). A espessura desta camada oscila entre 0,02 m e 0,11 m.

UE03 – Elemento mural correspondente à face interna do tramo de muralha norte do recinto fortificado B. Construção constituída por blocos de sienito afeiçoados, dispostos horizontalmente, ligados por terra crua. Assenta sobre a UE10 e sobre o substrato rochoso, contudo também encosta ao substrato rochoso junto ao perfil leste da sondagem. Correlaciona-se com a UE05 da sondagem I de 2017. Junto ao perfil leste da sondagem, presença de blocos de sienito de grande porte dispostos na horizontal, nos dois terços inferiores, presença de blocos de sienito de médio e grande porte, dispostos na

horizontal. O bloco pétreo maior encontra-se no topo conservado da muralha e possui 0,94 m de comprimento, pelo menos 0,35 m de largura e 0,10 m de altura máxima. Por sua vez, um dos blocos pétreos de dimensão média possui 0,36 m de comprimento, 0,31 m de largura e 0,13 m de altura máxima. Nesta área, a altura conservada deste tramo de muralha oscila entre 0,30 m (limite nordeste) e 0,65 m (sensivelmente a meio do comprimento da sondagem).

UE04 – Sedimento arenoso, de grão médio, com coloração castanho-claro e cinzento, pouco compacto e heterogéneo, com presença residual de pedras de pequeno e, sobretudo, de grande porte. Presença de nódulos de sienito em desagregação e de bastantes bioturpações. Assenta sobre as UEs 05, 06, 07, 08 e 09 e sobre o substrato rochoso junto ao perfil leste da sondagem. Correlaciona-se com as UEs 02 e 08. A camada inclui pedras derrubadas aparentemente oriundas da eventual estrutura habitacional [06], especialmente na parte leste da sondagem. Esta camada corresponderá a um nível de destruição e consequente aterro relacionado com a estrutura habitacional [06]. Baixa concentração de materiais arqueológicos. Esta UE é semelhante à UE02, embora ligeiramente diferente na granulometria e cor. Baixa concentração de materiais arqueológicos (incluindo dois instrumentos líticos, dois fragmentos de telha e fragmentos de cerâmica bege). Surgiu uma peça metálica em ferro (possível cavilha) junto ao extremo noroeste da sondagem. A espessura desta camada oscila entre 0,11 m e 0,18 m.

UE05 – Sedimento arenoso, de grão fino, com coloração castanha, pouco compacto e homogéneo, com presença de bioturpações e nódulos de sienito em desagregação. Presença residual de pedras de pequeno e médio porte. Assenta sobre o substrato rochoso e encosta ao tramo de muralha norte do recinto fortificado B. Correlaciona-se com a UE07, com ligeiras diferenças na sua tonalidade e compactidade derivado do facto de assentar diretamente no substrato rochoso. Camada associada a um nível de aterro/nivelamento prévio à construção da eventual estrutura habitacional [UE06]. Admite-se a possibilidade do seu topo corresponder ao nível de circulação associado à estrutura [06]. Baixa concentração de materiais arqueológicos. Esta camada tem uma espessura máxima de 0,46 m.

UE06 – Elemento mural associado a uma possível estrutura habitacional. Construção constituída por blocos de sienito afeiçoados ligados por terra crua. Assenta sobre as UEs 05 e 07 e, parcialmente, sobre a UE10A, pois parte do enchimento do topo

do silo 1 encontra-se sob esta estrutura. Encosta ao tramo de muralha norte do recinto fortificado B. Verificou-se, somente, a fiada de pedras correspondente à fundação da estrutura. Esta possui uma largura máxima de 0,66 m, uma altura máxima conservada de 0,23 m e um comprimento mínimo de 1,64 m (entre a face interna da muralha e o limite sul da sondagem).

UE07 – Sedimento arenoso, de grão médio, com coloração castanho-escuro, medianamente compacto e homogénea, com presença de bioturpações. Presença residual de pedras de pequeno e grande porte. Assenta sobre a UE10. Correlaciona-se com a UE 05, com ligeiras diferenças na tonalidade e compacticidade. A camada é cortada pelas UEs 07B, 09C e 10D. Camada associada a um nível de aterro/nivelamento prévio à construção do tramo de muralha norte do recinto fortificado B [03] e dos silos [09C e 10D], bem como da eventual estrutura habitacional [06]. Admite-se a possibilidade do seu topo corresponder ao nível de circulação associado à estrutura [06]. Mediana concentração de materiais arqueológicos. Surgiu um punção em bronze junto ao perfil oeste da sondagem e junto ao tramo de muralha norte do recinto fortificado B. A espessura desta camada oscila entre 0,13 m e 0,38 m.

UE07A – Sedimento arenoso e solto, de grão fino, com coloração castanho-escuro, com presença de bioturpações. Presença residual de pedras de pequeno porte. Assenta sobre a UE10. Encosta à UE07 e ao tramo de muralha norte do recinto fortificado B. Correlaciona-se com a UE07. Baixa concentração de materiais arqueológicos. Surgiu um bloco pétreo de grande porte no sedimento de enchimento da vala de fundação do tramo de muralha norte do recinto fortificado B. Esta camada é semelhante à da UE07, embora mais solta, correspondendo ao enchimento da vala de fundação – com o mesmo sedimento retirado no momento da sua abertura. A espessura desta camada oscila entre os 0,20 m e 0,36 m. Baixa concentração de materiais arqueológicos, nomeadamente cerâmica manual, bem como um fragmento de cerâmica com evidências de torneado lento.

UE07B – Elemento interfacial de 07A. Corta a UE07 e, parcialmente, a UE10. À medida que desce a estrutura negativa apresenta um formato em jeito de rampa, compatível com o formato de uma vala de fundação (medidas do elemento interfacial: largura mínima: 0,12m; máxima: 0,15m no seu topo; profundidade máxima: 0,36m; mínima: 0,20m junto ao limite leste, onde se encontra afloramento rochoso). Apenas se encontrou nos dois terços oeste da sondagem, uma vez que junto ao perfil leste, o tramo de muralha norte do recinto fortificado B, assenta sobre o substrato rochoso.

UE08 – Sedimento arenoso, de grão médio/grosso, com coloração castanho-escuro acinzentado, pouco compacto com presença de bioturpações e heterogéneo. Presença de pedras de pequeno e médio porte. Assenta sobre a UE07. Correlaciona-se com a UE04. Sem evidências de materiais arqueológicos. Camada compatível com um provável derrube da estrutura [06]. Esta camada tem uma altura aproximada de 0,08 m.

UE09 – Sedimento arenoso, de grão médio, com coloração castanho-escuro, pouco compacto. Pouca presença de bioturpações e homogéneo. Presença de pedras de médio e grande porte. Assenta sobre a UE09A e encosta à UE07. Baixa concentração de materiais arqueológicos. Camada correspondente ao topo do preenchimento do silo 2, com características compatíveis com o aterro de um silo em fase de desativação. A camada tem uma altura aproximada de 0,12 m.

UE09A – Sedimento arenoso, de grão médio/fino, com coloração castanho-escuro, medianamente pouco compacto e homogéneo, com presença de bioturpações, nódulos de sienito em desagregação. Presença residual de pedras de pequeno, grande e, sobretudo, de médio porte. Assenta sobre a UE09B e encosta à UE10. Baixa concentração de materiais arqueológicos. Camada com características compatíveis com a de um preenchimento de um silo em fase de desativação. A camada tem uma espessura aproximada de 0,30 m.

UE09B – Sedimento arenoso, de grão fino, com coloração castanho-escuro, pouco compacto e homogéneo. Presença de bioturpações e nódulos de sienito em desagregação. Presença residual de pedras de pequeno, médio e, sobretudo, grande porte. Encosta na UE10. Baixa concentração de materiais arqueológicos. Camada formada à base de terra, bem como blocos de sienito e corneana, alguns deles afeiçoados, compatível com o preenchimento de um silo em fase de desativação. A escavação desta UE não foi terminada, sendo necessário proceder ao alargamento da sondagem para oeste

UE09C - Elemento interfacial de 09, 09A e 09B. Corta as UEs 07 e 10. Estrutura negativa correspondente ao silo 2. A largura da boca é de aproximadamente 0,80 m (ligeiramente menor que a do silo 1).

UE10 – Sedimento argiloso, de grão médio/grosso, com coloração castanho-claro, muito compacto e homogéneo, com presença de bioturpações. Presença de poucos elementos pétreos (pequeno porte). Baixa concentração de materiais arqueológicos, que apenas apareceram no topo da camada, derivado do contacto com a UE07, que assenta

sobre esta. Assenta sobre o substrato rochoso. Esta UE surge aproximadamente a 0,50 m de profundidade e corresponderá a uma camada estratigráfica pré-geológica, semelhante às que surgiram nas outras sondagens arqueológicas. A camada foi segmentada, deixando-se preservada a metade oeste (1,10 m de extensão no sentido oeste-este), justamente onde se encontra o silo 2 [09C]. Só se escavou a UE10 até uma profundidade de 0,50 m, verificando-se que se trata de uma camada estéril (excetuando o seu topo).

UE10A - Sedimento arenoso, de grão médio, com coloração castanho-claro, medianamente compacto e homogéneo, com presença de bioturpações e nódulos de sienito em desagregação. Presença residual de pedras de pequeno e, sobretudo, médio porte. Assenta sobre a UE10B e encosta à UE10 e 07. Sem evidência de materiais arqueológicos. Camada com características compatíveis com a de um preenchimento de um silo em fase de desativação. A camada tem uma espessura aproximada de 0,30 m.

UE10B – Sedimento arenoso, de coloração castanho-escuro, pouco compacto e homogéneo, com presença de bioturpações e nódulos de sienito em desagregação. Presença residual de pedras de pequeno porte. Assenta na UE10C e encosta à UE10. Mediana concentração de materiais arqueológicos. Surgiu um vidro e um bojo decorado com cordão digital. Camada com características compatíveis com a de um preenchimento de um silo em fase de desativação. A espessura desta camada oscila entre os 0,22 m e 0,39m.

UE10C – Sedimento arenoso e solto, de coloração castanho-escuro e homogéneo, com presença de bioturpações, nódulos de sienito em desagregação e carvões. Presença residual de pedras de pequeno e, sobretudo, médio porte. Assenta sobre o substrato rochoso e encosta à UE10. Baixa concentração de materiais arqueológicos. Surgiram vários fragmentos pertencentes a um cântaro e, possivelmente, a uma jarra, alguns deles com pinturas a preto e vermelho. A maioria dos materiais enquadra-se no período islâmico. Surgiu uma possível tampa. Camada com características compatíveis com a de um preenchimento de um silo em fase de desativação. A espessura desta camada oscila entre os 0,30 e 0,50 m.

UE10D – Elemento interfacial de 10A, 10B e 10C. Corta as UEs 07, 10 e, parcialmente o substrato rochoso. Estrutura negativa correspondente ao silo 1. Estrutura com forma ligeiramente abaulada, com fundo ligeiramente convexo e boca oval. A

profundidade máxima conservada é de 1,28 m, a largura da boca é de 0,86 m e a largura máxima é de 0,92 m. O seu topo foi cotado a 486,30 m.

#### **2.2.5. Medidas de proteção implementadas**

Após a conclusão dos trabalhos de campo toda a sondagem arqueológica foi coberta com mantas geotêxteis de modo a proteger e conservar a área escavada. Deste modo pretende-se minimizar o crescimento de vegetação invasora, bem como o ingresso de animais selvagens que possam danificar e/ou destruir os vestígios arqueológicos já alcançados. Para além disto pretende-se também salvaguardar a integridade física dos mesmos. Tem-se vindo a observar, nas várias campanhas arqueológicas já realizadas, que os animais não se aproximam, nem se intrometem nas áreas escavadas que contêm geotêxtil. A sondagem arqueológica apenas permanece coberta pelo geotêxtil uma vez que se pretende prosseguir com os trabalhos de escavação do silo 2, incluindo a ampliação da sondagem.



**Figura 29** – Sondagem V do sector 1 após a colocação de mantas geotêxteis.

## Capítulo 3 | Estudo de Materiais

### 3. Estudo de materiais

Encerrada a campanha de oito semanas de escavações arqueológicas no Cerro do Castelo de Alferce – SACCA23, dei início ao estudo de materiais previsto no cronograma do meu plano de trabalho do mestrado em Arqueologia da Universidade de Évora. Devo referir que apenas foram estudados os materiais cerâmicos exumados na sondagem que coordenei. Este estudo teve o seu início em outubro de 2023 e foi finalizado em meados do mês de fevereiro de 2024, contudo, devo aludir que este fora alternado com momentos dedicados à escrita do relatório da escavação com o intuito de iniciar a última etapa do estágio com parte do relatório já desenvolvido.

#### 3.1. Metodologia de estudo dos materiais cerâmicos

A primeira tarefa do estudo de materiais teve como objetivo o inventário dos mesmos seguindo a metodologia utilizada no projeto SACCA, quer isto dizer que os materiais foram inventariados por ano, número de saco, número de contentor, sector, sondagem, UE, peça completa, bordo, bojo, carena, fundo, asa, pega, escória, marca de jogo, construção, lítico, argamassa, fauna, metal, vidro e outro. Este tipo de inventário tem apenas o objetivo de contabilizar os materiais exumados.

Após terminado o inventário geral da sondagem V do SACCA23, iniciei o processo de comparação de pastas dentro de cada unidade estratigráfica, bem como entre as diferentes unidades estratigráficas, com o intuito de encontrar colagens entre os materiais, tal como perceber os tipos de cozeduras utilizados nas pastas e os tipos de fabrico – manual, torneado rápido ou torneado lento.

Posto isto, selecionou-se uma amostra de materiais a serem estudados mais aprofundadamente, tendo como metodologia utilizada a escolha de todos os bordos, fundos e fragmentos com decorações. Foi neste processo que se atribuiu um número de inventário de material estudado, uma vez que no projeto SACCA apenas se marcam os materiais estudados.

O método de marcação de materiais recai na colocação de um papel de pequenas dimensões, com o tipo de letra de tamanho 5 (segundo a formatação do word), fixado com verniz, onde consta o acrónimo do projeto, seguido do ano e o número da peça (ex.:

SACCA-23 71). Este método, para além de ser mais eficaz, no que ao pormenor diz respeito, uma vez que torna a letra mais legível, ao invés do processo de escrita manual, que nem sempre se encontra legível, também se mostra mais rápido que o manual, contudo, torna-se também mais fácil de corrigir algum erro, pois a marcação é removida com acetona facilmente.

O passo seguinte recaiu no registo fotográfico e no desenho, bem como a respetiva tintagem, de cada fragmento cerâmico. O inventário de materiais estudados, bem como o estudo em si, foi feito utilizando os seguintes aspetos: forma funcional, tipologia, cronologia, dimensões em centímetros dos fragmentos cerâmicos (inclui altura, espessuras, largura, diâmetros, etc.); tipo de fabrico, cores das pastas, acabamentos de superfície, cozedura, decorações, marcas de fogo ou perfurações.

A terminologia utilizada nos elementos descritivos do inventário de materiais estudados foi adaptada a partir da proposta metodológica do Grupo CIGA (Bugalhão *et alii* 2010), no entanto encontra-se também adaptada às formas pré-históricas que surgem nos contextos escavados:

Forma funcional e Tipologia	
0. Armazenamento e Transporte (AT)	0. Pote
1. Louça de cozinha (LC)	1. Vaso
2. Louça de mesa (LM)	2. Taça
3. Objectos de iluminação (OI)	3. Taça carenada
4. Objectos de uso doméstico Indeterminado (ODI)	4. Bilha
5. Instrumentos de uso agrícola, artesanal ou industrial (IAAI)	5. Indeterminado
6. Objectos de uso lúdico e ritual (OLR)	6. Vaso carenado
7. Material de construção (MC)	7. Panela
8. Indeterminado (IND)	8. Cântaro
	9. Caçoila
ENP. Elementos não plásticos > 1mm	10. Peso de tear
0. Indeterminado	11. Pedra de jogo
1. Quartzo	12. Candil
2. Calcário	13. Púcaro
3. Cerâmica moída	14. Queijeira
4. Quartzo + calcário	15. Jarro ou Jarra
5. Quartzo + cerâmica moída	16. Colher
6. Calcário + cerâmica moída	
7. Moscovita ou Micas	Cal. Enp.
8. Quartzo + micácios	0. Pequeno (<= 0,1 cm)
	1. Médio (> 0,1 e <= 0,5 cm)
Den. Densidade ou nº de elementos não plásticos	2. Grande (> 0,5 cm)
0. Baixa/escassa (1 a 15%)	3. Todos
1. Média / razoável (15-50%)	

2. Elevada/abundante (>50 %)	<b>Cor</b>
	0. Vermelho
<b>TF. Técnica de Fabrico</b>	1. Laranja
0. Manual	2. Cinzento
1. Torneado lento	2.1 Cinzento-claro
2. Torneado rápido	2.2 Cinzento-escuro
3. Torneado misto	3. Castanho
4. Indeterminado	4. Preto
	5. Bege
<b>Tx. Textura</b>	6. Castanho alaranjado
0. Homogénea	7. Castanho-escuro
1. Xistosa	8. Castanho-claro
2. Granular	
3. Arenosa	<b>As. Acabamento de superfície</b>
4. Vacuolar	0. Rolado/ erodido
	1. Grosseiro
<b>Cz. Cozedura</b>	2. Alisado
0. Oxidante	3. Polido
1. Redutora	4. Engobado
2. Redutora-irregular	5. Brunido
3. Oxidante-irregular	6. Espatulado
4. Redutor /Oxidante (interior)	7. Barbotinado
5. Oxidante/Redutor (interior)	8. Vidrado
6. Indeterminado	9. Alisado/rugoso
<b>Ob. Orientação do bordo</b>	<b>TL. Tipo de lábio</b>
0. Reto ou vertical	0. Arredondado ou convexo
1. Extrovertido ou esvasado	1. Aplanado
2. Introvertido ou reentrante	2. Triangular
3. Indeterminado	3. Espessado
	3.1. Interior
<b>B. Boca</b>	3.2. Exterior
0. Circular	3.3. Interior e Exterior
1. Oval	4. Biselado
2. Polilobulada	5. Afilado
3. Retangular	6. Semicircular
4. Quadrangular	7. Quadrangular
5. Poligonal	8. Em aba
6. Indeterminado.	9. Inflexão dupla
	10. Indeterminado
<b>Colo</b>	
0. Não tem	<b>Carena</b>
1. Cilíndrico recto	0. Alta suave
2. Cilíndrico curvo	1. Média suave
3. Troncocónico recto	2. Baixa suave
4. Troncocónico curvo	3. Alta marcada
5. Troncocónico invertido recto	4. Média marcada
6. Troncocónico invertido curvo	5. Baixa marcada
7. Bitroncocónico recto	6. Não tem
8. Bitroncocónico invertido recto	7. Indeterminado
9. Indeterminado	
	<b>Bico</b>
<b>Fundo</b>	0. Cilíndrico
0. Convexo ou arredondado	1. Pinçado
1. Plano	2. Rectangular

2. Côncavo	3. De candil
3. Em ônfalo	4. Indeterminado
4. Pé anelar	5. Não tem
5. Bolacha	
6. Pé alto maciço	EP. Elementos de preensão
7. Indeterminado	0. Não tem
	1. Asa
<b>Fo. Forma: orientação (Forma geral)</b>	1.1. Rolo ou circular
0. Aberta	1.2. Fitiforme
1. Fechada	1.3. Fitiforme com nervuras
2. Reta	1.4. Triangular
3. Indeterminada	1.5. Oval
	1.6. Bífida
<b>Corpo. Corpo tipo específico</b>	2. Pega mamilar(comprimento >2 cm)
0. Hemisférico	3. Botão
1. Paraboloide ou semi-elipsoide	4. Perfuração para suspensão
2. Globular ou esférico	5. Aleta
3. Ovoide	6. Indeterminado
4. Cilíndrico	7. Perfuração
5. Troncocónico	8. mamilo decorativo
6. Troncocónico Invertido	
7. Bitroncocónico	<b>Morf. Morfologia</b>
8. Bitroncocónico Invertido	0. Bordo
9. Piriforme	1. Bordo com Bojo
10. Piriforme invertido	2. Bordo com Carena
11. Calote esférica	3. Bordo com Mamilo
12. Calote ovoide	4. Bordo com Bojo e Mamilo
13. Elipsoide	5. Bodo com Bojo e Cordão
14. Indeterminado	6. Bordo com Bojo e Carena
	7. Bojo com colo
<b>Decor. (Decoração)</b>	8. Bordo com bojo e colo
0. Ausente	9. Fundo e Bojo
1. Incisa	10. Bordo com Bojo e asa
2. Repuxada	11. Fundo com carena
3. Aditiva	12. Perfil completo
4. Pintura	13. Bordo com bojo, colo e asa
4.1. Vermelho	14. Bojo com asa
4.2. Preto	15. Bojo
4.3. Castanho	16. Bojo com botão
5. Indeterminada	17. Bordo com bojo, colo e bico
6. Canelura	18. Bordo com bojo e Fundo
7. Engobe laranja	19. Bojo com pega
	20. Bojo com carena e pega
<b>MF. Marcas de fogo</b>	21. Bojo, fundo e asa
0. Não	22. Bojo e carena
1. Sim	23. Asa
2. Indeterminado	24. Fundo

**Tabela 1** - Terminologia de variantes do Inventário de materiais estudados (tipologias e técnicas de fabrico).

### 3.2. Inventário geral dos materiais recolhidos na sondagem V do sector 1

Ano	Sector	Sondagem	U.E.	Bordos	Bojos	Fundos	Asas	Construção	Líticos	Metais	Vidros	Outros	Total
2023	1	V	1		1			1					2
2023	1	V	2		3			3	3				9
2023	1	V	4		46	1		2	1	2			52
2023	1	V	5		9			1					10
2023	1	V	7	3	41	2		6	2	1		1	56
2023	1	V	7A	4	7								11
2023	1	V	9		6								6
2023	1	V	9A		4								4
2023	1	V	9B		5								5
2023	1	V	10	1	5							1	7
2023	1	V	10B	4	57	3	1	11	1		1		78
2023	1	V	10C		32	3		9	1			3	48
<b>TOTAL:</b>				12	216	9	1	33	8	3	1	5	288

Tabela 2 - Base de dados SACCA23 [Sector 1, Sondagem V].

### 3.3. Inventário descritivo da amostra selecionada

N.º Peça	Contexto	Fotografia	Desenho Técnico	Forma Funcional	Provável Tipologia	Período cronológico	Caracterização Geral
SACCA-23 54	Sector 1, Sondagem V, UE 04	Sim	Sim	IND	Indeterminado	Emiral/Califal (IX-X)	Fragmento de um bojo com fundo de pasta bege e marcas de torno
SACCA-23 55	Sector 1, Sondagem V, UE 07	Sim	Sim	LM	Provável Tigela	Calcolítico ou Idade do Bronze (3-2º milénio a.C.)	Fragmento de um bordo
SACCA-23 56	Sector 1, Sondagem V, UE 07	Sim	Sim	ODI	Provável Pote/Taça	Calcolítico ou Idade do Bronze (3-2º milénio a.C.)	Fragmento de um bordo
SACCA-23 57	Sector 1, Sondagem V, UE 07	Sim	Sim	ODI	Indeterminado	Calcolítico ou Idade do Bronze (3-2º milénio a.C.)	Fragmento de um bordo com bojo
SACCA-23 58	Sector 1, Sondagem V, UE 07A	Sim	Sim	LM	Provável Taça	Calcolítico ou Idade do Bronze (3-2º milénio a.C.)	Fragmento de um bordo com possível pega mamilar
SACCA-23 59	Sector 1, Sondagem V, UE 07A	Sim	Sim	LM	Provável Taça Carenada	Calcolítico ou Idade do Bronze (3-2º milénio a.C.)	Fragmento de um bordo de possível taça carenada
SACCA-23 60	Sector 1, Sondagem V, UE 07A	Sim	Sim	LM	Taça	Indeterminado	Fragmentos de um bordo com bojo
SACCA-23 61	Sector 1, Sondagem V, UE 10	Sim	Sim	LM	Tigela	Indeterminado	Fragmento de um bordo
SACCA-23 62	Sector 1, Sondagem V, UE 10B	Sim	Sim	LC	Alguidar	Emiral/califal (IX-X)	Fragmento de um fundo de um alguidar
SACCA-23 63	Sector 1, Sondagem V, UE 10B	Sim	Sim	ODI	Pote ou Panela	Emiral/califal (IX-X)	Fragmento de um bordo com caneluras de decoração
SACCA-23 64	Sector 1, Sondagem V, UE 10B	Sim	Sim	LM	Tigela	Calcolítico ou Idade do Bronze (3-2º milénio a.C.)	Fragmento de um bordo
SACCA-23 65	Sector 1, Sondagem V, UE 10B	Sim	Sim	LC	Possível Panela	Emiral/Califal (IX-X)	Fragmento de uma asa
SACCA-23 66	Sector 1, Sondagem V, UE 10C	Sim	Sim	LC	Panela	Emiral/Califal (IX-X)	Fragmento de bordo com colo, bojo e asa completa
SACCA-23 67	Sector 1, Sondagem V, UE 10C	Sim	Sim	LC	Panela	Emiral/Califal (IX-X)	Fragmento de bordo com colo e bojo
SACCA-23 68	Sector 1, Sondagem V, UE 10C	Sim	Sim	LC	Tabap	Emiral/Califal (IX-X)	Fragmento de tabac para fornecer pão
SACCA-23 69	Sector 1, Sondagem V, UE 10B	Sim	Sim	ODI	Vaso/Alguidar	Emiral/Califal (IX-X)	Fragmento de um bojo com decoração em cordão digitado
SACCA-23 70	Sector 1, Sondagem V, UE 04	Sim	Sim	AT	Cântaro	Emiral/Califal (IX-X)	Fragmento de um bojo de pasta bege pertencente a um cântaro
SACCA-23 71	Sector 1, Sondagem V, UE 10C	Sim	Sim	AT	Cântaro	Emiral/Califal (IX-X)	Fragmento de um fundo de pasta bege pertencente a um cântaro

**Tabela 3 (1/3)** - Inventário de materiais estudados [Sector 1; Sondagem V] – 1/3 | Tabela de tipologias.

N.º Peça	Contexto	Larg.	Comp.	DAbordo	Dbojo	Alt.	Ebojo	Ebordo	Dfundo	Peso
SACCA-23 54	Sector 1, Sondagem V, UE 04	5,2	2,3				0,9		10,2	16g
SACCA-23 55	Sector 1, Sondagem V, UE 07	3,6	1	33,6			1	0,9		14g
SACCA-23 56	Sector 1, Sondagem V, UE 07	3,6	1,4	31			1,4	0,6		14g
SACCA-23 57	Sector 1, Sondagem V, UE 07	5,1	1,3	40	40		1	1,2		42g
SACCA-23 58	Sector 1, Sondagem V, UE 07A	3,4	1,2	11			1	1,2		9g
SACCA-23 59	Sector 1, Sondagem V, UE 07A	3,1	1	8,8			1	0,7		7g
SACCA-23 60	Sector 1, Sondagem V, UE 07A	3,4	1,1	16			1,1	0,8		18g
SACCA-23 61	Sector 1, Sondagem V, UE 10	3,1	1,3	24			1,2	1,3		9g
SACCA-23 62	Sector 1, Sondagem V, UE 10B	12,1	8,4				1,6		37	272g
SACCA-23 63	Sector 1, Sondagem V, UE 10B	5,6	1,2	14			0,5	0,7		11g
SACCA-23 64	Sector 1, Sondagem V, UE 10B	3,1	1,2	26			1,2	0,5		9g
SACCA-23 65	Sector 1, Sondagem V, UE 10B	3,3	1,3							22g
SACCA-23 66	Sector 1, Sondagem V, UE 10C	12,4	6,3	11,7	17,5		0,4	0,7		69g
SACCA-23 67	Sector 1, Sondagem V, UE 10C	8,5	2,3	11,8			0,5	0,8		31g
SACCA-23 68	Sector 1, Sondagem V, UE 10C	9,1	5,1		21	3		1,2	18	90g
SACCA-23 69	Sector 1, Sondagem V, UE 10B	5,4	2				2			46g
SACCA-23 70	Sector 1, Sondagem V, UE 10C	8,3	0,7		22,1		0,8			N/D
SACCA-23 71	Sector 1, Sondagem V, UE 10C	22,1	22,1		22,1		0,8		12	738g

**Tabela 3 (2/3)** - Inventário de materiais estudados [Sector 1; Sondagem V] – 2/3 | Tabela de dimensões.

N.º Peça	Contexto	ENP	Den.	Cal. Enp.	TF	Cor Int	Cor ext	Tx	As Ext.	As Int.	Cz	Ob	TL	Boca	Colo	Carena	Fundo	Bico	Ep	Fo	Corpo	Morf	Decor.	MF
SACCA-23 54	Sector 1, Sondagem V, UE 04	8	0	1	2	5	5	0	2	2	0	3	10	6	9	7	1	4	6	3	14	9	5	0
SACCA-23 55	Sector 1, Sondagem V, UE 07	8	1	1	0	6	6	0	2	1	0	0	1	6	9	7	7	4	6	3	14	1	5	1
SACCA-23 56	Sector 1, Sondagem V, UE 07	8	2	1	0	3	7	0	2	2	3	2	0	6	9	7	7	4	6	1	14	0	5	1
SACCA-23 57	Sector 1, Sondagem V, UE 07	8	2	1	0	7	3	0	2	2	2	0	1	6	9	7	7	4	6	0	14	1	5	2
SACCA-23 58	Sector 1, Sondagem V, UE 07A	8	2	1	0	1	1	0	1	1	0	1	0	6	9	7	7	4	6	0	14	0	5	0
SACCA-23 59	Sector 1, Sondagem V, UE 07A	8	1	1	0	3	3	0	2	2	3	0	0	6	9	7	7	4	6	3	14	0	5	0
SACCA-23 60	Sector 1, Sondagem V, UE 07A	8	2	3	1	7	7	2	1	2	2	2	0	6	9	7	7	4	6	0	14	1	5	0
SACCA-23 61	Sector 1, Sondagem V, UE 10	8	2	0	0	3	3	0	2	2	3	1	3.2	6	9	7	7	4	6	0	14	0	5	0
SACCA-23 62	Sector 1, Sondagem V, UE 10B	8	2	1	0 e 2	1	1	0	2	2	0	3	10	6	9	7	1	4	6	0	14	9	5	0
SACCA-23 63	Sector 1, Sondagem V, UE 10B	8	1	1	2	7	3	0	2	2	3	1	0	6	1	7	7	4	6	1	14	8	1	1
SACCA-23 64	Sector 1, Sondagem V, UE 10B	8	2	1	0	3	3	0	2	2	3	0	0	6	9	7	7	4	6	0	14	0	5	0
SACCA-23 65	Sector 1, Sondagem V, UE 10B	8	1	1	2	3	3	0	2	2	3	3	10	6	9	7	7	4	6	3	14	23	6	1
SACCA-23 66	Sector 1, Sondagem V, UE 10C	8	0	1	2	5	5	0	2	2	0	1	1 e 3.3	6	6	7	7	4	1	1	3	13	4.2	0
SACCA-23 67	Sector 1, Sondagem V, UE 10C	8	0	0	2	1	1	0	4	2	0	1	2	6	6	7	7	4	6	1	3	1	4.1	0
SACCA-23 68	Sector 1, Sondagem V, UE 10C	8	1	1	4	8	8	0	6	6	3	1	0			1	1		6	0	14	18	5	0
SACCA-23 69	Sector 1, Sondagem V, UE 10B	8	1	0	4	1	1	0	4	2	0.1.0	3	10	6	9	7	7	4	6	3	14	15	3	0
SACCA-23 70	Sector 1, Sondagem V, UE 10C	8	0	0	2	5	5	0	2	2	3	3	10	6	9	6	1	4	6	1	2	15	0	0
SACCA-23 71	Sector 1, Sondagem V, UE 10C	8	0	0	2	5	5	0	2	2	3	3	10	6	9	6	1	4	6	1	2	9	4.1/4.2	0

Tabela 3 (3/3) - Inventário de materiais estudados [Sector 1; Sondagem V] – 3/3 | Tabela de técnicas de fabrico.

### 3.4. Descrição e análise do conjunto de materiais cerâmicos

No decorrer dos trabalhos de escavação da sondagem V do sector 1 foram recolhidos um total de 276 fragmentos cerâmicos e 8 objetos líticos (tabela 2). Para além disto, também foram recolhidos três elementos metálicos, nomeadamente dois pregos (possivelmente em ferro) e um punção em liga de bronze. De salientar ainda a recolha de um fragmento de vidro de tonalidade esverdeada.

Dentro da panóplia de materiais exumados, apenas se estudaram em pormenor 18 peças cerâmicas, as quais foram escolhidas criteriosamente por se distinguirem em bordos, fundos ou asas, mas que permitissem retirar informações pertinentes que possibilitassem enquadrar o fragmento em termos tipológicos e cronológicos. Embora os fragmentos cerâmicos se encontram bastante fragmentados e rolados, através do estudo foi possível determinar que a maioria dos materiais se enquadram em formas funcionas de cozinha ou mesa, bem como de armazenamento e/ou transporte. Por outro lado, observam-se também materiais de construção, nomeadamente telha (não estudadas) enquadráveis no período islâmico. É também possível distinguir materiais residuais enquadráveis na pré-história recente (Calcolítico ou Idade do Bronze (3<sup>o</sup>-2<sup>o</sup> milénio a.C.)).

Durante a análise da amostra recolhida, observou-se que são muito poucas as colagens possíveis devido ao elevado grau de destruição dos materiais. Tal fator prende-se ao facto destes se encontrarem em níveis de aterro, lixeira, destruição e/ou revolvimento do terreno. Tal dado é observado na recolha de um fragmento cerâmico de pasta bege na unidade estratigráfica [04] que tem colagem com o fundo de cântaro recolhido na unidade estratigráfica [10C] no interior do Silo 1, facto que indicia ter ocorrido um aterro do silo e nivelamento do terreno quase em simultâneo. Na sua maioria, os fragmentos cerâmicos de pasta bege e/ou alaranjada/avermelhada, muitos deles fabricados à base de torneado rápido ou lento, enquadram-se em período islâmico omíada Emiral e/ou Califal (séc. IX-XI). Por outro lado, é possível enquadrar as cerâmicas de pasta de tonalidade mais acastanhada e de fabrico manual na pré-história recente, uma vez que no processo de cozedura destes, embora fosse oxidante, o contacto com o fumo escurece-se levemente as peças. Ainda assim convém salientar que a grande maioria dos materiais exumados e enquadráveis em período islâmico são de fabrico manual, o que poderá indiciar um fabrico local.

De entre os materiais recolhidos, destacam-se as cerâmicas de pasta de cor bege. Estas encontram-se bastante bem depuradas, praticamente sem desengordurantes (elementos não plásticos) e todas elas de fabrico a base de torneado rápido. Na sua maioria apresentam decoração pintada a vermelho e/ou preto com recurso a óxido de ferro e decoração incisa. Admite-se a possibilidade destas peças terem origem em trocas comerciais através de mercados regionais ou de importação.

No geral, observam-se alguns tipos de cerâmica distintos, os quais se diferenciam pela decoração à base de incisão ou excisão, no momento do fabrico da peça enquanto a pasta ainda estava a secar, bem como decoração aditiva, nomeadamente o cordão digitado.

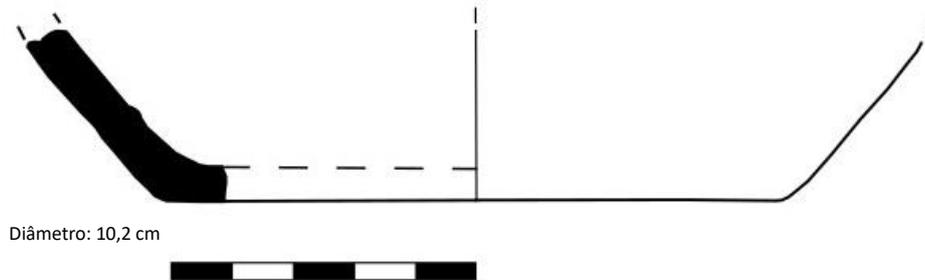
Para além disto, também é possível observar diferentes técnicas de acabamento de superfície das peças, sendo na sua maioria acabamentos alisados ou acabamentos alisados/rugosos tendo como exemplo as telhas. Bastantes fragmentos encontravam-se rolados/erodidos, pelo que não foi possível definir o tipo de acabamento devido ao facto de as peças encontrarem-se bastante destruídas.

Relativamente à cozedura das peças, como já vimos, destacam-se cozeduras oxidantes que proporcionam uma tonalidade alaranjada ou avermelhada às peças. Por outro lado, identificam-se cozeduras oxidantes irregulares que ocasionam às pastas uma tonalidade mais acastanhada. Salienta-se, ainda, a existência de pastas com cozeduras mistas, nas quais é possível reconhecer cozeduras oxidantes com um núcleo a apresentar uma cozedura redutora.

Dado o grau de destruição dos fragmentos cerâmicos, só no processo da execução dos desenhos técnicos se pôde interpretar e verificar a tipologia de algumas peças. Muitas delas apresentam dimensões tão pequenas que se torna difícil perceber a tipologia da peça, a orientação do bordo ou até o próprio diâmetro, o que acabou por dificultar bastante a tarefa de encontrar paralelos para os materiais estudados. Dentro das formas funcionais suprarreferidas destacam-se tipologicamente as taças e/ou tigelas, alguidares, cântaros, panelas, tabaq e, possivelmente, potes e vasos. De destacar as panelas, realçando-se que ambos os fragmentos apresentam um perfil em S, muito típico no período omíada. De entre os materiais exumados destacam-se ainda fragmentos pertencentes a um provável candil, contudo não se detetaram colagens.

### 3.5. Descrição da amostra selecionada de materiais cerâmicos

Nº de inventário: SACCA-23 54 – Fundo plano de pasta bege de tipologia indeterminada, enquadrável no período islâmico. A espessura da parede é de 0,9 cm e o seu fundo tem um diâmetro de 10,2 cm. Apresenta uma cozedura oxidante irregular e um acabamento de superfície alisado, com técnica de fabrico de torneado rápido. Por não se conseguir determinar a tipologia, não foi possível encontrar paralelos.



**Figura 30** – Desenho técnico de possível taça/tigela. Período: Emiral/Califal (IX-X). ©José Vinagre

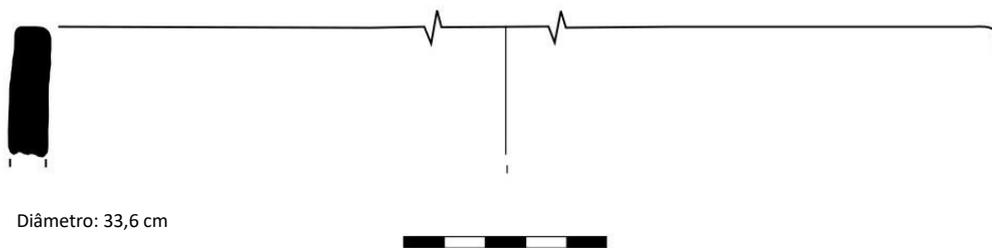


**Figura 31** – Fragmento de possível taça (vista exterior). Período: Emiral/Califal (IX-X). ©José Vinagre



**Figura 32** – Fragmento de possível taça (vista interior). Período: Emiral/Califal (IX-X). ©José Vinagre

Nº de inventário: SACCA-23 55 – Fragmento de um bordo pertencente a uma provável tigela enquadável na pré-história recente (Calcolítico ou Idade do Bronze (3-2º milénio a.C.)). A sua espessura oscila entre os 0,9-1 cm e apresenta uma técnica de fabrico manual com cozedura oxidante irregular, adquirindo um tom acastanhado, com acabamento de superfície alisado. O seu bordo apresenta uma orientação reta/vertical com lábio de secção aplanada e um diâmetro máximo de abertura de 33,6 cm. Não se determinaram paralelos por se tratar de um fragmento pequeno e com poucas certezas da sua tipologia.



**Figura 33** – Desenho técnico de possível taça. Período: Calcolítico ou Idade do Bronze (3-2º milénio a.C.). ©José Vinagre

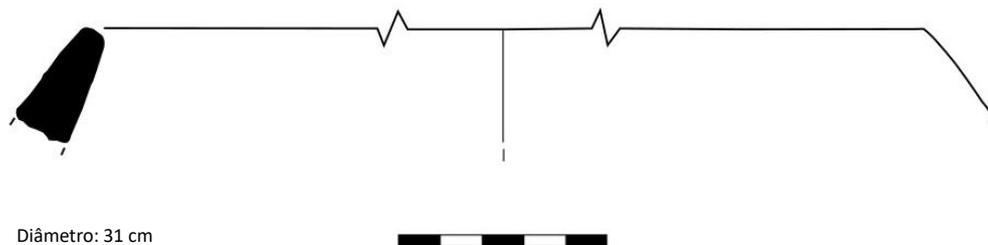


**Figura 34** – Fragmento de possível taça (vista exterior). Período: Calcolítico ou Idade do Bronze (3-2º milénio a.C.).  
©José Vinagre



**Figura 35** – Fragmento de possível taça (vista interior). Período: Calcolítico ou Idade do Bronze (3-2º milénio a.C.).  
©José Vinagre

Nº de inventário: SACCA-23 56 – Fragmento de um bordo pertencente a um possível pote ou taça enquadrável na pré-história recente (Calcolítico ou Idade do Bronze (3-2º milénio a.C.)). A sua espessura oscila 0,6-1,4 cm e apresenta uma técnica de fabrico manual com cozedura oxidante irregular, adquirindo um tom acastanhado com acabamento de superfície alisado. O seu bordo apresenta uma orientação introvertida com lábio de secção arredondada e um diâmetro máximo de abertura de 31cm. Não se determinaram paralelos por se tratar de um fragmento pequeno e com poucas certezas da sua tipologia.



**Figura 36** – Desenho técnico de possível taça/pote. Período: Calcolítico ou Idade do Bronze (3-2º milénio a.C.).

©José Vinagre



**Figura 37** – Fragmento de possível taça/pote (vista exterior). Período: Calcolítico ou Idade do Bronze (3-2º milénio a.C.).

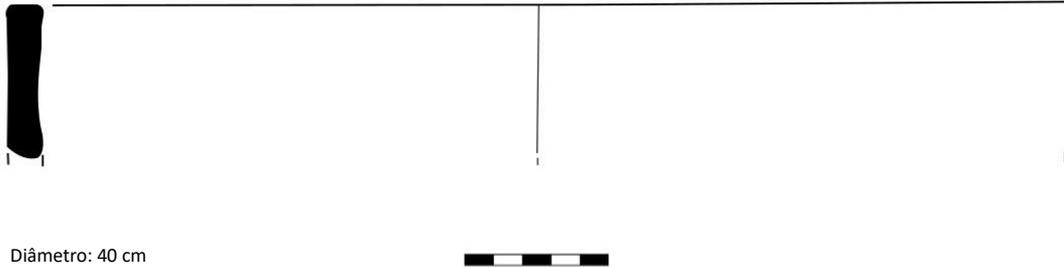
©José Vinagre



**Figura 38** – Fragmento de possível taça/pote (vista interior). Período: Calcolítico ou Idade do Bronze (3-2º milénio a.C.).

©José Vinagre

Nº de inventário: SACCA-23 57 – Fragmento de um bordo de tipologia indeterminada, provavelmente enquadrável na pré-história recente (Calcolítico ou Idade do Bronze (3-2º milénio a.C.). A sua espessura oscila entre 1-1,2 cm e apresenta uma técnica de fabrico manual com cozedura redutora irregular, adquirindo um tom acinzentado com acabamento de superfície alisado. O seu bordo apresenta uma orientação reta/vertical com lábio de secção aplanada e um diâmetro máximo de abertura de 40 cm. Por não se conseguir determinar a tipologia, não foi possível encontrar paralelos.



**Figura 39** – Desenho técnico de tipologia indeterminada. Período: Calcolítico ou Idade do Bronze (3-2º milénio a.C.).  
©José Vinagre



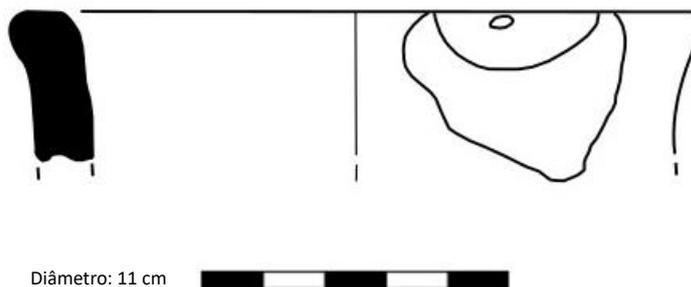
**Figura 40** – Fragmento de tipologia indeterminada (vista exterior). Período: Calcolítico ou Idade do Bronze (3-2º milénio a.C.).  
©José Vinagre



**Figura 41** – Fragmento de tipologia indeterminada (vista interior). Período: Calcolítico ou Idade do Bronze (3-2º milénio a.C.).

©José Vinagre

Nº de inventário: SACCA-23 58 – Fragmento de um bordo pertencente a uma provável taça enquadrável na pré-história recente (Calcolítico ou Idade do Bronze (3-2º milénio a.C.)). A sua espessura oscila entre 1-1,2 cm e apresenta uma técnica de fabrico manual com cozedura oxidante, adquirindo um tom alaranjado com o acabamento de superfície rolado/erodido. O seu bordo apresenta uma orientação extrovertida com lábio de secção arredondada e um diâmetro máximo de abertura de 11 cm. Apresenta mamilo decorativo no seu bordo. Não se determinaram paralelos por se tratar de um fragmento pequeno, bastante destruído e com poucas certezas da sua tipologia.



**Figura 42** – Desenho técnico de possível taça. Período: Calcolítico ou Idade do Bronze (3-2º milénio a.C.).

©José Vinagre



**Figura 43** – Fragmento de possível taça (vista exterior). Período: Calcolítico ou Idade do Bronze (3-2º milénio a.C.).

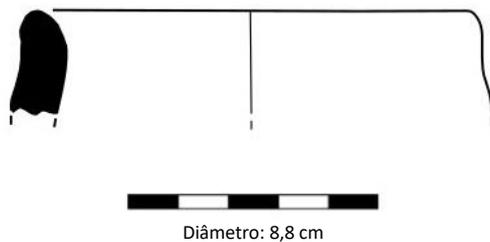
©José Vinagre



**Figura 44** – Fragmento de possível taça (vista interior). Período: Calcolítico ou Idade do Bronze (3-2º milénio a.C.).

©José Vinagre

Nº de inventário: SACCA-23 59 – Fragmento de um bordo de uma provável taça carenada enquadrável na pré-história recente (Calcolítico ou Idade do Bronze (3-2º milénio a.C.). A sua espessura oscila entre 0,7-1 cm e apresenta uma técnica de fabrico manual com cozedura oxidante irregular, adquirindo uma tonalidade acastanhado com acabamento de superfície alisado. O seu bordo apresenta uma orientação reta/vertical com lábio de secção arredondada e um diâmetro máximo de abertura de 8,8 cm. Não se determinaram paralelos por se tratar de um fragmento pequeno e com poucas certezas da sua tipologia.



**Figura 45** – Desenho técnico de possível taça carenada. Período: Calcolítico ou Idade do Bronze (3-2º milénio a.C.).

©José Vinagre



**Figura 46** – Fragmento de possível taça carenada (vista exterior). Período: Calcolítico ou Idade do Bronze (3-2º milénio a.C.).

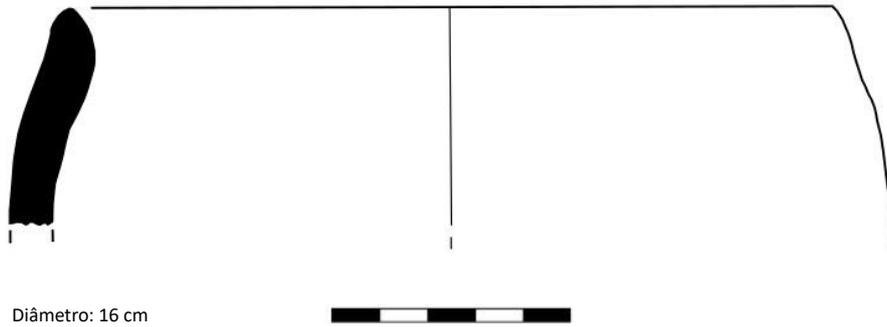
©José Vinagre



**Figura 47** – Fragmento de possível taça carenada (vista interior). Período: Calcolítico ou Idade do Bronze (3-2º milénio a.C.).

©José Vinagre

Nº de inventário: SACCA-23 60 – Fragmento de um bordo de uma possível taça ou pote enquadável, possivelmente, no período islâmico omíada (séc. IX-X d.C.). A sua espessura oscila entre 0,8-1,4 cm e apresenta uma técnica de fabrico de torneado lento com uma cozedura redutora irregular, adquirindo uma tonalidade acastanhada escura e um acabamento de superfície rolado/erodido. O seu bordo apresenta uma orientação introvertida com lábio de secção arredondada e um diâmetro máximo de abertura de 16 cm. Não se determinaram paralelos por se tratar de um fragmento pequeno e com poucas certezas da sua tipologia.



**Figura 48** – Desenho técnico de possível taça. Período: Emiral/Califal (IX-X).  
©José Vinagre

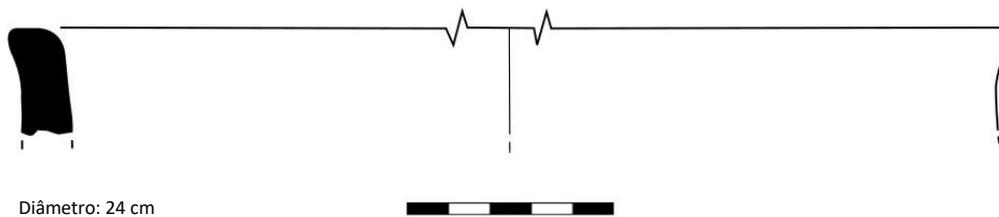


**Figura 49** – Fragmento de possível taça (vista exterior). Período: Emiral/Califal (IX-X).  
©José Vinagre



**Figura 50** – Fragmento de possível taça (vista interior). Período: Emiral/Califal (IX-X).  
©José Vinagre

Nº de inventário: SACCA-23 61 – Fragmento de um bordo de uma provável tigela enquadrável em período indeterminado. A sua espessura oscila entre 1,2-1,3 cm e apresenta uma técnica de fabrico manual com uma cozedura oxidante irregular, adquirindo uma tonalidade acastanhada e um acabamento de superfície alisado. O seu bordo apresenta uma orientação extrovertida com um lábio de secção aplanada e espessado para o exterior, apresenta uma diâmetro máximo de abertura de 24 cm. Não se determinaram paralelos por se tratar de um fragmento pequeno e com poucas certezas da sua tipologia.



**Figura 51** – Desenho técnico de possível tigela. Período: Indeterminado.  
©José Vinagre

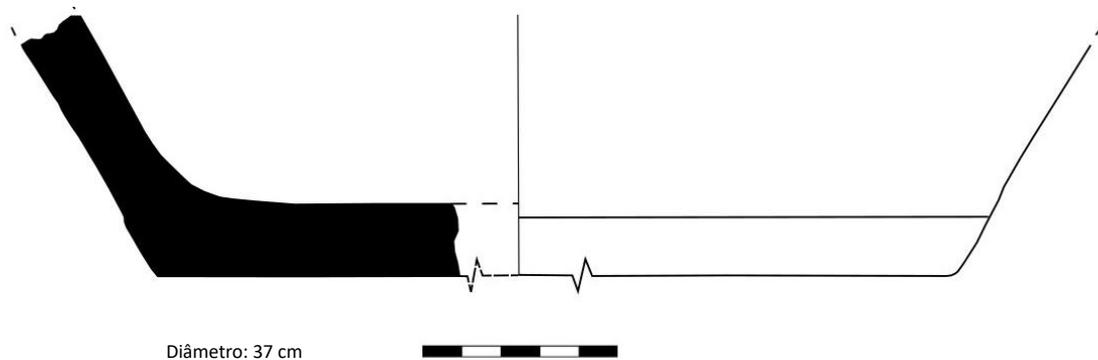


**Figura 52** – Fragmento de possível tigela (vista exterior). Período: Indeterminado.  
©José Vinagre



**Figura 53** – Fragmento de possível tigela (vista interior). Período: Indeterminado.  
©José Vinagre

Nº de inventário: SACCA-23 62 – Fragmento de um fundo de um alguidar de período islâmico omíada Emiral/Califal (séc. IX-X d.C.). A sua espessura é de 1,6 cm e apresenta uma técnica de fabrico mista, que varia entre o manual e o torneado rápido com uma cozedura oxidante, adquirindo uma tonalidade alaranjada e um acabamento de superfície alisado. O seu fundo é plano e apresenta um diâmetro máximo de 37 cm. Não foi possível determinar paralelos por se preservar muito pouco do seu perfil.



**Figura 54** – Desenho técnico de fundo de alguidar. Período: Emiral/Califal (IX-X).  
©José Vinagre

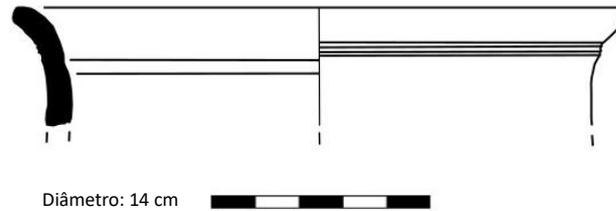


**Figura 55** – Fragmento de fundo de alguidar (vista exterior). Período: Emiral/Califal (IX-X).  
©José Vinagre



**Figura 56** – Fragmento de fundo de alguidar (vista interior). Período: Emiral/Califal (IX-X).  
©José Vinagre

Nº de inventário: SACCA-23 63 – Fragmento de um bordo de uma possível panela ou pote enquadável em período islâmico omíada Emiral/Califal (séc. IX-X d.C.). A sua espessura oscila entre 0,5-0,7 cm e apresenta uma técnica de fabrico de torneado rápido com uma cozedura oxidante irregular, adquirindo uma tonalidade acastanhada com acabamento de superfície alisado. O seu bordo apresenta uma orientação extrovertida com lábio de secção arredondada e um diâmetro máximo de abertura de 14 cm. Apresenta vestígios de decoração de caneluras no colo, junto ao bordo. O fragmento apresenta marcas de fogo. Não se determinaram paralelos por se tratar de um fragmento pequeno e com poucas certezas da sua tipologia.



**Figura 57** – Desenho técnico de possível panela ou pote. Período: Emiral/Califal (IX-X).  
©José Vinagre

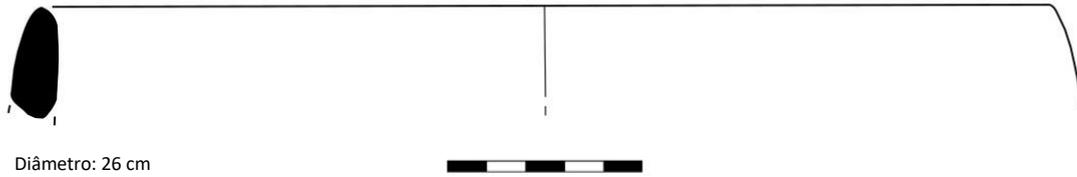


**Figura 58** – Fragmento de possível panela ou pote (vista exterior). Período: Emiral/Califal (IX-X).  
©José Vinagre



**Figura 59** – Fragmento de possível panela ou pote (vista interior). Período: Emiral/Califal (IX-X).  
©José Vinagre

Nº de inventário: SACCA-23 64 – Fragmento de um bordo de uma provável tigela enquadrável na pré-história recente (Calcolítico ou Idade do Bronze (3-2º milénio a.C.)). A sua espessura oscila entre 0,5-1,2 cm e apresenta uma técnica de fabrico manual com cozedura oxidante irregular, adquirindo uma tonalidade acastanhada com acabamento de superfície alisado. O seu bordo apresenta uma orientação reta/vertical com lábio de secção arredondada e um diâmetro máximo de abertura de 26 cm. Não se determinaram paralelos por se tratar de um fragmento pequeno e com poucas certezas da sua tipologia.



**Figura 60** – Desenho técnico de possível tigela. Período: Calcolítico ou Idade do Bronze (3-2º milénio a.C.).

©José Vinagre



**Figura 61** – Fragmento possível tigela (vista exterior). Período: Calcolítico ou Idade do Bronze (3-2º milénio a.C.).

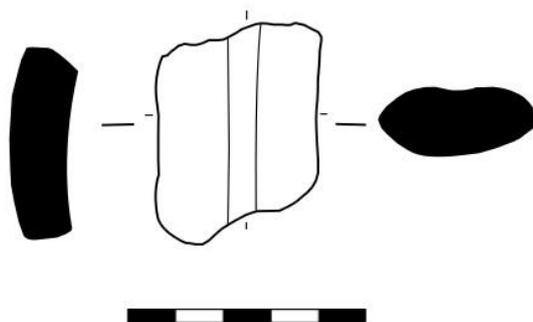
©José Vinagre



**Figura 62** – Fragmento possível tigela (vista interior). Período: Calcolítico ou Idade do Bronze (3-2º milénio a.C.).

©José Vinagre

Nº de inventário: SACCA-23 65 – Fragmento de uma asa de uma possível panela enquadável em período islâmico omíada (séc. IX-X d.C.). Apresenta uma técnica de fabrico de torneado rápido com cozedura oxidante irregular, adquirindo uma tonalidade acastanhada com acabamento de superfície alisado. Não se determinaram paralelos por se tratar de um fragmento pequeno e com poucas certezas da sua tipologia.



**Figura 63** – Desenho técnico de fragmento de asa. Período: Emiral/Califal (IX-X).  
©José Vinagre

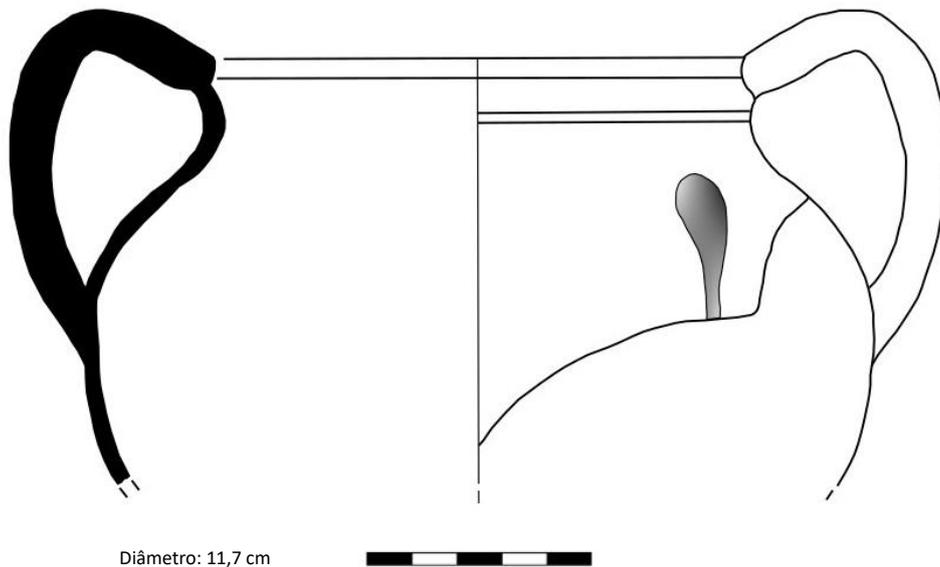


**Figura 64** – Fragmento de asa (vista exterior). Período: Emiral/Califal (IX-X).  
©José Vinagre



**Figura 65** – Fragmento de asa (vista interior). Período: Emiral/Califal (IX-X).  
©José Vinagre

Nº de inventário: SACCA-23 66 – Panela de perfil em S, típica de época omíada, de bordo extrovertido e lábio plano espessado para o interior e exterior, com colo curvo. O seu corpo apresenta uma forma ovoide com 11,7 cm de diâmetro de abertura da boca, 17,5 cm de diâmetro de bojo e a sua espessura varia entre 0,4 e 0,7 cm. Apresenta uma asa completa de secção triangular com uma ligeira nervura no seu exterior, a sua cozedura é oxidante e tem um acabamento alisado, apresenta vestígios de pintura negra aplicada através de digitação e apresenta uma técnica de fabrico à base de torneado rápido. Foi possível identificar paralelos com esta peça no Castelo de Silves, enquadra-se na tipologia de painelas de perfil em S de período Omíada Emiral, embora com um tipo de pasta diferente (Catarino, 2022, p. 1557)



**Figura 66** – Desenho técnico de panela com decoração pintada a negro. Período: Emiral/Califal (IX-X).  
©José Vinagre



**Figura 67** – Fragmento de panela com decoração pintada a negro (vista exterior). Período: Emiral/Califal (IX-X).

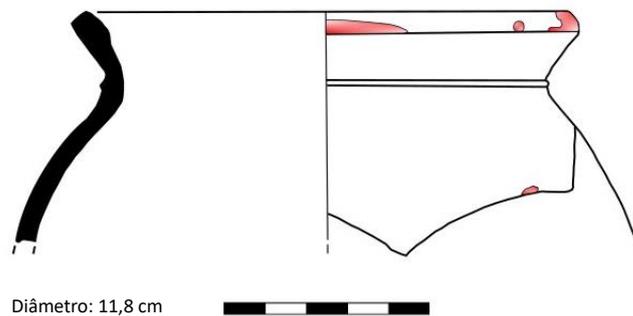
©José Vinagre



**Figura 68** – Fragmento de panela com decoração pintada a negro (vista interior). Período: Emiral/Califal (IX-X).

©José Vinagre

Nº de inventário: SACCA-23 67 – Panela com lábio de secção aplanada, espessado para o interior e exterior com colo curvo, o seu corpo aparenta ser ovoide também, com 11,8 cm de abertura da boca e a sua espessura oscila entre 0,5-0,8 cm, a sua cozedura é oxidante e o seu acabamento alisado, apresenta vestígios de pintura ou engobe vermelho. Esta peça é semelhante à nº 66, apresenta o mesmo tipo de perfil em S de período Emiral Omíada, encontraram-se paralelos no Castelo de Silves, embora com um tipo de pasta diferente (Catarino, 2022, p. 1557)



**Figura 69** – Desenho técnico de panela com decoração pintada a vermelho. Período: Emiral/Califal (IX-X).

©José Vinagre



**Figura 70** – Fragmento de panela com decoração pintada a vermelho (vista exterior). Período: Emiral/Califal (IX-X).

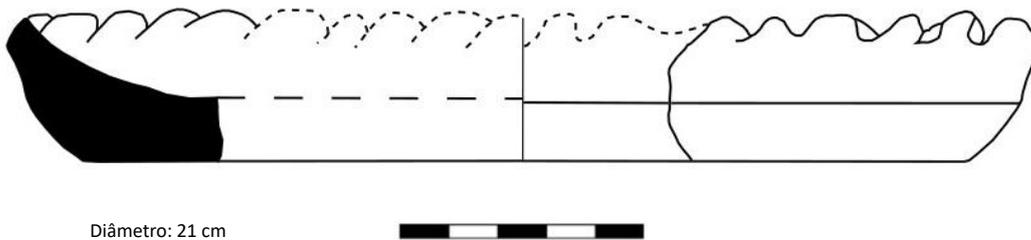
©José Vinagre



**Figura 71** – Fragmento de panela com decoração pintada a vermelho (vista interior). Período: Emiral/Califal (IX-X).

©José Vinagre

Nº de inventário: SACCA-23 68 – Tabaq utilizado para levar o pão ao forno, o seu bordo apresenta um diâmetro de 21 cm e uma espessura de 1,2 cm, a sua cozedura é oxidante e apresenta decoração de recorte no seu bordo, a sua base é plana e tem um acabamento alisado. Não foram encontrados paralelos para este objeto.



**Figura 72** – Desenho técnico de tabaq. Período: Emiral/Califal (IX-X).

©José Vinagre

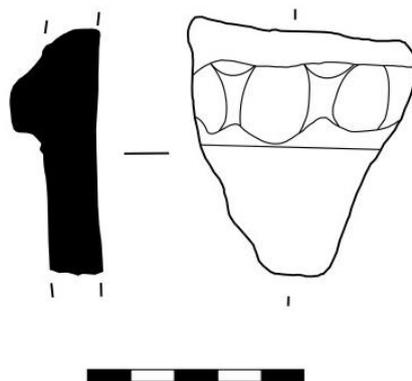


**Figura 73** – Fragmento de tabaq (vista interior). Período: Emiral/Califal (IX-X).  
©José Vinagre



**Figura 74** – Fragmento de tabaq (vista exterior). Período: Emiral/Califal (IX-X).  
©José Vinagre

Nº de inventário: SACCA-23 69 – Fragmento de um bojo de um provável alguidar ou vaso enquadável em período islâmico omíada Emiral/Califal (séc. IX-X d.C.). A sua espessura é de 2 cm e apresenta uma técnica de fabrico indeterminada com cozedura oxidante, adquirindo uma tonalidade alaranjada com acabamento de superfície alisado. O fragmento apresenta vestígios de decoração aditiva que forma um cordão digitado. Embora não se saiba a tipologia deste objeto, verificou-se a existência de um vaso de período islâmico no Museu Nacional de Arqueologia com o mesmo tipo de decoração. Disponível em [Ficha | Património Islâmico em Portugal](#).



**Figura 75** – Desenho técnico de possível alguidar/vaso com decoração de cordão digitado. Período: Emiral/Califal (IX-X). ©José Vinagre

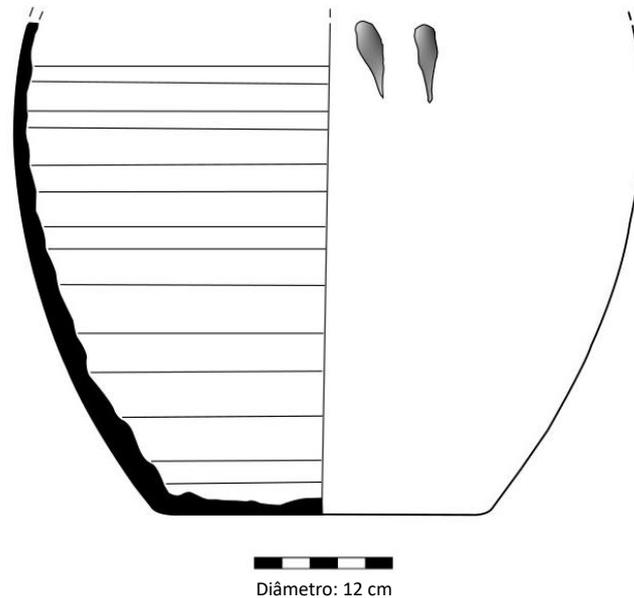


**Figura 76** – Fragmento de possível alguidar/vaso com decoração de cordão digitado (vista exterior). Período: Emiral/Califal (IX-X). ©José Vinagre



**Figura 77** – Fragmento de possível alguidar/vaso com decoração de cordão digitado (vista interior). Período: Emiral/Califal (IX-X). ©José Vinagre

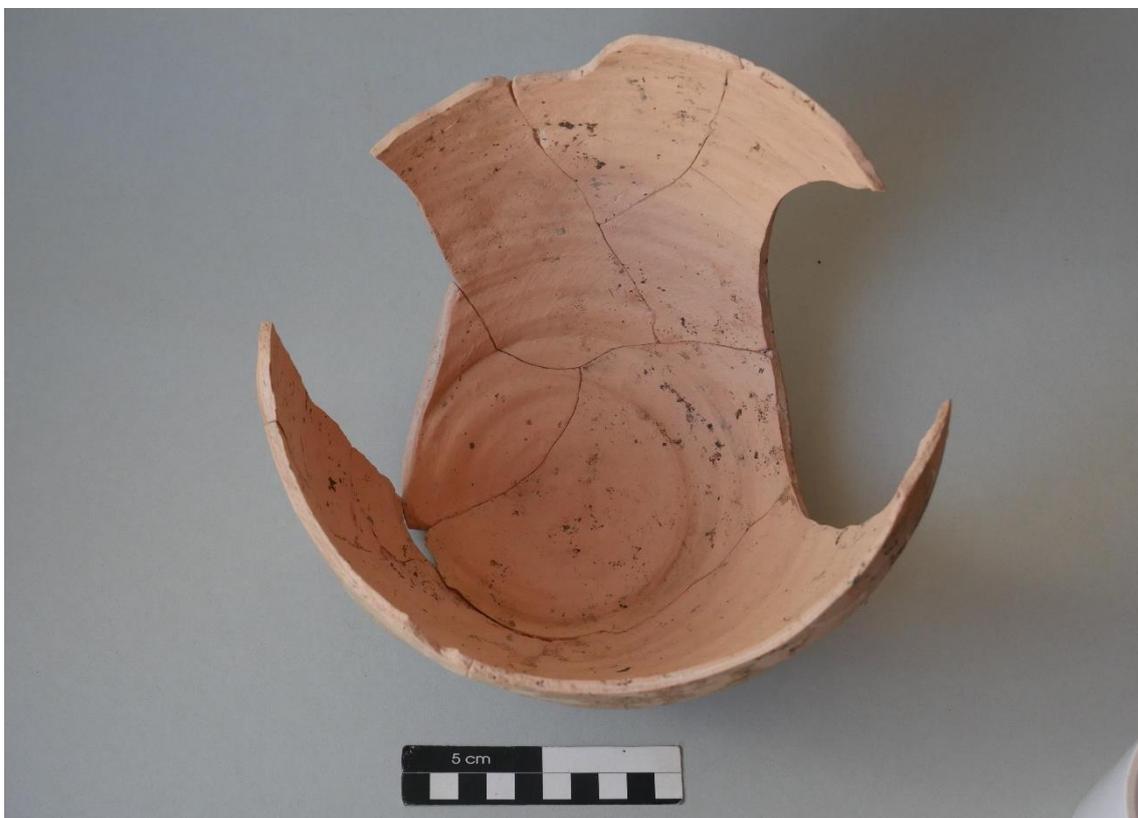
Nº de inventário: SACCA-23 71 – Fundo de cântaro composto por 12 fragmentos colados, um deles surgiu na UE04 (SACCA-23 70) e os restantes surgiram no interior do Silo 1. O seu fundo é plano e apresenta um diâmetro de 12 cm, o seu corpo é globular/esférico com um diâmetro de 22,1 cm e uma espessura que oscila entre os 0,5 e 0,8 cm, a sua cozedura é oxidante irregular, uma vez que o interior da pasta adquiriu uma tonalidade acinzentada, apresenta vestígios de pintura vermelha e negra com uma técnica de fabrico à base de torneado rápido. Foi possível identificar paralelos em termos tipológicos com um cântaro presente no Museu de Mértola. Disponível em [Ficha | Património Islâmico em Portugal](#).



**Figura 78** – Desenho técnico da metade inferior de um cântaro com decoração pintada a negro e vermelho. Período: Emiral/Califal (IX-X).  
©José Vinagre



**Figura 79** – Metade inferior de um cântaro com decoração pintada a negro e vermelho (vista exterior).  
Período: Emiral/Califal (IX-X).  
©José Vinagre



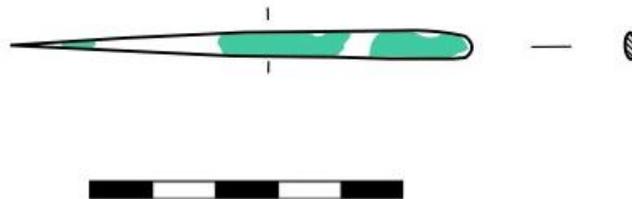
**Figura 80** – Metade inferior de um cântaro com decoração pintada a negro e vermelho (vista interior).  
Período: Emiral/Califal (IX-X).  
©José Vinagre

### 3.6. Materiais não cerâmicos

Para além dos fragmentos cerâmicos recolhidos, na sondagem surgiram também outros tipos de artefactos, embora em menor quantidade. De salientar que na unidade estratigráfica [07] surgiu um punção metálico, com 7,4 cm de comprimento e 0,4 cm de espessura máxima, que poderá ter servido para trabalhar pastas cerâmicas ainda frescas através do método de incisão (decoreção), peles de animais, madeira ou outras matérias moles, ou poderá ter tido uma utilização no ramo da medicina.

Segundo especialistas do laboratório Hercules, a sua composição é maioritariamente constituída por Cobre (Cu – 98,37%), contudo apresenta vestígios de Arsénio (As – 1,18%) e de Estanho (Sn – 0,44%). Face a estes dados pode-se afirmar que se trata de um punção em bronze.

Nota ainda para o surgimento de dois pregos metálicas que se encontram em processo de estudo ainda. Para além disto, de salientar também o surgimento de um fragmento de vidro de tonalidade esverdeada no interior do Silo 1 [10B], que apresenta no seu interior bolhas de ar, geradas no momento do fabrico do mesmo.



**Figura 81** – Desenho técnico de um punção em bronze. Período: Indeterminado.  
©José Vinagre



**Figura 82** – Punção em bronze. Período: Indeterminado.  
©José Vinagre



**Figura 83** – Fragmento de vidro de tonalidade esverdeada. Período: Emiral/Califal (IX-X).  
©José Vinagre

## Capítulo 4 | Estágio Câmara Municipal Monchique

### 4. Estágio curricular na Câmara Municipal de Monchique

A função de um arqueólogo municipal é fundamental para garantir a preservação, valorização e divulgação do património arqueológico existente a nível local. A Arqueologia não se restringe apenas à escavação, esta ciência abrange uma panóplia de tarefas técnicas, científicas, administrativas e educativas que contribuem para a salvaguarda do património. A tarefa do arqueólogo passa, entre outras muitas tarefas, pelo levantamento e inventário de arqueossítios através de metodologias como a prospeção, análise de fontes ou documentação escrita, análise de documentos fotográficos e cartográficos, etc.

É importante inventariar e divulgar o património no sentido de facilitar o acesso a equipas de arqueologia ou de conservação e restauro que podem monitorizar e conservar estes sítios, bem como ao público em geral que queira visitar o lugar e usufruir do seu património.

A classificação e inventário de sítios arqueológicos também corresponde a uma tarefa importante do arqueólogo municipal. Neste sentido, facilita-se o conhecimento do património existente, ou seja, em futuros projetos urbanísticos ou de obras públicas ou privadas, os pareceres técnicos de arqueologia são essenciais no sentido de garantir um desenvolvimento urbano aliado à preservação do património que, em muitos casos, sofre destruições irreversíveis. Importa referir ainda que no caso do concelho de Monchique, o arqueólogo municipal também emite parecer no âmbito de projetos florestais.

Vertentes como a escavação, prospeção ou acompanhamento de obras visam a identificação de novos vestígios arqueológicos, ajudando assim a contribuir para um maior conhecimento da história local e nacional. Cabe ao arqueólogo a realização de relatórios técnicos que são essenciais na divulgação dos resultados obtidos e na salvaguarda das estruturas identificadas e do espólio associado. A sinalização e conservação destes sítios passa muitas vezes pela criação de projetos que visam a sua investigação científica e valorização do ponto de vista turístico e social.

Cabe ao responsável pela arqueologia municipal desempenhar um papel de sensibilização junto das comunidades da importância do seu património. Estas ações de sensibilização podem ser desenvolvidas através de visitas guiadas em que a comunidade,

local e não local, possa participar ou através de visitas de estudo junto das escolas locais. A realização de exposições ou conferências também são um meio bastante eficaz de divulgação e sensibilização das comunidades locais, aproximando-as assim do seu património.

Atualmente enfrentam-se desafios constantes na defesa do património. A pressão urbanística, os projetos florestais e agrícolas, os interesses presentes no planeamento do território e a escassez de recursos representam alguns dos desafios do presente. Cabe ao arqueólogo apresentar medidas que visem a integração do património no desenvolvimento urbanístico (e não só). O património não pode ser encarado como apenas um vestígio do passado, existem formas de o integrar no quotidiano das comunidades e no turismo, tornando o património assim num recurso dinâmico que permita desenvolver toda uma comunidade, seja através de rotas turísticas, que por sua vez contribuem para o desenvolvimento da economia local, por exemplo através de alojamento e do comércio local. Neste sentido, permite o desenvolvimento económico e social, tanto dos concelhos, como das próprias freguesias, sobretudo nos povoados do interior do território nacional.

Assim sendo, o estágio que realizei no setor de cultural da Câmara Municipal de Monchique foi um grande motor de desenvolvimento das minhas capacidades práticas e teóricas graças à experiência imersiva e multifacetada. Os principais conhecimentos consolidados dizem respeito à gestão, salvaguarda e valorização do património arqueológico do município, com particular destaque para o Sítio Arqueológico do Cerro do Castelo de Alferce. Para além disto, este estágio representou também uma continuidade dos trabalhos iniciados durante a campanha de escavações no verão de 2023 no Cerro do Castelo de Alferce.

Como visto nos capítulos acima, o período entre os meses de julho e setembro foi dedicada à escavação, ao passo que o estágio realizado teve como principal foco a análise e interpretação dos dados recolhidos durante os trabalhos de campo, tendo em vista o desenvolvimento do relatório técnico referente ao PATA da campanha de 2023. A participação nestas fases permitiu compreender melhor todo o ciclo de trabalhos arqueológicos – desde a escavação arqueológica até à produção de documentação científica. Por outro lado, tive a oportunidade de contactar com outras realidades complementares, como acompanhamentos de obras e intervenções relacionadas com a valorização patrimonial, nomeadamente do Sítio Arqueológico do Cerro do Castelo de

Alferce, bem como auxiliar nos trabalhos de musealização do CICC – Centro Interpretativo do Cerro do Castelo de Alferce.

#### **4.1. SACCA23 – Trabalhos de gabinete e tratamento da informação**

Os dados recolhidos durante os trabalhos arqueológicos de verão são registados nas fichas de campo do projeto. Estas representam um instrumento fundamental para o registo arqueológico, pois incluem informações detalhadas sobre cada unidade estratigráfica identificada, desde a descrição das suas características pedológicas, bem como as relações estratigráficas entre as várias unidades. Para além disto, as fichas reservam ainda no seu reverso um campo com um quadriculado milimétrico onde se efetuam os desenhos técnicos de campo (em plano) correspondentes a cada unidade estratigráfica, bem como as cotas topográficas. É através destes dados recolhidos que, posteriormente em trabalho de gabinete, se tiram ilações tendo em vista o relatório técnico final e futuras divulgações científicas.

Tendo em conta as atividades planeadas, coube-me inicialmente proceder à análise e interpretação dos registos efetuados em campo. Por outro lado, tive também a tarefa de atualizar e compilar as referidas fichas em formato digital. O objetivo passa por guardar as informações recolhidas no máximo de formatos possíveis tendo em vista a salvaguarda futura das informações, no sentido de evitar algum percalço alheio que possa vir a ocorrer futuramente. Na sequência deste processo, competiu-me desenvolver a análise e descrição da sequência estratigráfica das sondagens realizadas durante a campanha de 2023, com especial destaque para a sondagem V do sector 1 – desta forma a descrição da estratigrafia desta sondagem neste relatório de estágio encontra-se baseada na descrição efetuada no relatório final referente ao PATA da campanha de 2023 submetido à apreciação da Unidade de Cultura da Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional (CCDR) do Algarve.

A componente gráfica é um elemento bastante importante na constituição de qualquer relatório, trabalho ou artigo científico, desempenha um papel de auxílio à informação escrita, complementando assim a interpretação e compreensão do leitor. Assim sendo, contribuí também no desenvolvimento de desenhos técnicos de materiais estudados e de perfis estratigráficos, tanto em formato manual, como em formato digital. Por outro lado, participei também no estudo de materiais que tinha sido iniciado após o término da escavação, com o objetivo de recolher o máximo de informação possível com

o objetivo de contextualizar cada vez melhor o sítio arqueológico e a sua história, tanto no período islâmico (c. séc. IX, X e XI), bem como na pré-história recente (Calcolítico e Idade do Bronze, entre o 3º e o 2º milénio a.C.). De salientar que o estudo de materiais feito seguiu a metodologia adotada para o projeto, que foi a mesma utilizada para o estudo de materiais efetuado no capítulo 3.

A marcação individual das peças selecionadas para estudo (através da colocação de um pequeno papel com a indicação do ano da recolha e do número da peça (ex.: SACCA-23 50), colado com verniz transparente) é a primeira etapa a realizar. A partir daí inicia-se uma descrição pormenorizada da sua tipologia, o seu enquadramento histórico e as suas técnicas de fabrico, bem como o registo das suas dimensões (diâmetro de abertura do bordo, diâmetro do fundo, diâmetro máximo do bojo, altura, largura, entre outros parâmetros relevantes).

## **4.2. Atividades de valorização do património arqueológico**

Tal como já foi referido, o foco principal deste estágio recaiu nos trabalhos de gabinete relacionados com o projeto de valorização do Sítio Arqueológico do Cerro do Castelo de Alferce. No entanto, este percurso permitiu-me ter contacto com outras realidades relacionadas com as responsabilidades de um técnico de arqueologia de um município. Estas experiências foram essenciais no sentido de perceber a importância da articulação entre a investigação e valorização do património arqueológico e o desenvolvimento social através do envolvimento da comunidade local.

### **4.2.1. Trabalhos de salvaguarda do património**

Os trabalhos de salvaguarda e de valorização centraram-se no Cerro do Castelo de Alferce e consistiram em etapas distintas. Numa primeira fase procedeu-se a ações de limpeza com a remoção de blocos pétreos soltos à superfície, permitindo assim uma melhor circulação pelo arqueossítio, bem como uma melhor leitura dos alinhamentos das estruturas existentes no local. Uma vez que durante as campanhas arqueológicas também se removem muitos blocos pétreos no decorrer dos trabalhos de escavação – a esmagadora maioria proveniente dos derrubes das muralhas – neste sentido ouve a necessidade de se criar um estaleiro junto ao parque de estacionamento do sítio arqueológico. Desta forma,

deixa-se o sítio mais limpo e valorizado e salvaguarda-se os trabalhos futuros de conservação e restauro através do armazenamento adequado destes blocos que poderão ser utilizados em trabalhos futuros de restauro.

A valorização do Cerro do Castelo de Alferce não se limita apenas às estruturas arqueológicas presentes no local. Atualmente o terreno onde se encontra a grande maioria das ruínas do recinto fortificado A, B e D é propriedade da Câmara Municipal de Monchique. Face a isto o terreno encontra-se bastante bem tratado, no sentido em que é cuidado anualmente através de desmatações de vegetação infestante subarbórea, supervisionadas pelo arqueólogo municipal, que ajudam a prevenir incêndios e que tornam o arqueossítio acessível e visitável ao público em geral. A investigação a nível arqueológico e científico permitiu voltar a colocar este povoado fortificado no mapa do Al-Andalus e no mapa das rotas turísticas.

#### **4.2.2. Atividades de valorização do património arqueológico**

A criação e reativação de antigos percursos pedestres utilizados pelas gerações passadas permitiram facilitar a mobilidade e visibilidade do complexo arqueológico, enquadrando-se assim no turismo de natureza, muito procurado e valorizado no Município de Monchique. Destaca-se que as épocas altas do turismo no concelho são precisamente no outono e na primavera, com uma pequena quebra nos meses inverniais, ao passo que durante os meses quentes do verão as regiões mais procuradas são as costeiras, ou seja, turismo de sol e mar. Em consequência observou-se a necessidade de sinalizar estes percursos.

Neste sentido tive a oportunidade de acompanhar a colocação de sinalética informativa e direcional, fabricada em plástico reciclado, colocada com o objetivo de fornecer informações sobre o projeto de investigação e valorização do Sítio Arqueológico do Cerro do Castelo de Alferce, bem como os dados obtidos ao longo dos anos, informações sobre o risco de incêndio (figura 84), indicações de zona de refúgio (figuras 85 e 86) e indicações de percursos pedestres com acesso ao Cerro do Castelo de Alferce e ao seu miradouro (figuras 87 e 88), que teve a inauguração no dia 20 de abril de 2024 no âmbito da comemoração do Dia Internacional dos Monumentos e Sítios. Este localiza-se a leste das ruínas dos recintos fortificados A, B e D e junto ao tramo de muralha leste do recinto fortificado C – tal como a sinalética informativa e direcional, este também é

fabricado em plástico reciclado. Trata-se de uma obra que ajudou a fortalecer ainda mais a valorização do arqueossítio, da freguesia de Alferce e do Município de Monchique. Salienta-se que toda a informação presente nos painéis informativos foi elaborada pelos técnicos do setor de cultura da Câmara Municipal de Monchique e encontra-se em formato bilingue.

#### **4.2.3. Atividades de divulgação do património arqueológico**

Para se ter uma noção do impacto que esta valorização e investigação do Cerro do Castelo de Alferce teve e tem tido na freguesia e na sua população, tem de se ter em atenção três projetos estruturantes que ajudam a complementar todo um trabalho: o passadiço do Barranco do Demo, fabricado em madeira, faz a ligação entre a freguesia de Alferce e o Cerro do Castelo de Alferce e que engloba no seu percurso uma ponte suspensa; o parque de caravanas de Alferce que vem responder à necessidade de tal infraestrutura para acompanhar a recorrente procura por parte de caravanistas; e por fim, do ponto de vista arqueológico e patrimonial, o nascimento do CICCÁ – Centro Interpretativo do Cerro do Castelo de Alferce.

Embora o projeto ainda seja jovem, já conta com uma área museológica que não só dá a conhecer as descobertas feitas campanha após campanha, algumas pelo próprios habitantes que participam nas escavações, mas também dá a conhecer um pouco a história do povo de Alferce e do edifício onde está incorporado o espaço museológico. Desta forma pode-se perceber o impacto significativo que este projeto arqueológico trouxe a uma pequena freguesia que conta com menos de 400 habitantes.

O nascimento de um espaço museológico permitiu também o surgimento das primeiras salas de reserva arqueológica condignas do concelho de Monchique, que se situam no piso superior do CICCÁ. Este espaço conta também com gabinetes de trabalho, onde investigadores poderão usufruir das instalações em futuros estudos. Foi durante este estágio que se procedeu ao transporte dos materiais arqueológicos relacionados com o projeto SACCA, bem como provenientes de outros locais do município, que se encontravam armazenados num local provisório, para as novas instalações. Nesta sequência teve também a oportunidade de participar no apetrecho do CICCÁ, bem como na montagem da exposição permanente do mesmo.

O espaço museológico não só se dedica a dar a conhecer o Sítio Arqueológico do Cerro do Castelo de Alferce, como também se dedica à própria freguesia de Alferce e ao seu povo. A visita deste espaço faz-se recuando ao passado, ou seja, o percurso de visita começa pelas peças islâmicas, contando com uma área dedicada em especial à cisterna do castelo, onde se pode encontrar uma reconstrução em tamanho real do canto nordeste da mesma, onde precisamente se encontram as escadas de ingresso ao seu interior. O percurso dedicado ao Cerro do Castelo de Alferce termina com a exposição de peças arqueológicas enquadráveis na pré-história recente. O restante percurso é dedicado ao edifício que tem na sua origem uma função religiosa, uma vez que se trata da antiga Ermida de São Pedro onde, posteriormente, funcionou uma escola primária, um centro de dia, serviu também como sala de ensaios da banda filarmónica de Alferce e local de exposição do presépio de Natal de Alferce. Na reta final da exposição podemos observar objetos de quotidiano doados por habitantes da freguesia e que retratam a vida no campo, sobretudo durante o século XX.



**Figura 84** – Painel informativo e painel de risco de incêndio florestal (sinalética Cerro do Castelo de Alferce).

©José Vinagre.



**Figura 85** – Sinalética de zona de refúgio.  
©José Vinagre



**Figura 86** – Sinalética de indicação de zona de refúgio.

©José Vinagre



**Figura 87** – Sinalética de indicação de caminhos pedonais de ligação ao Passadiço do Demo e ao parque de estacionamento.

©José Vinagre



**Figura 88** – Sinalética de indicação Castelo de Alferce e miradouro.  
©José Vinagre

## Conclusões

Em virtude do mestrado em Arqueologia na Universidade de Évora optei por um percurso bastante prático através de um estágio que decorreu durante a campanha de escavações arqueológicas no Sítio Arqueológico do Cerro do Castelo de Alferce, no verão de 2023, bem como no setor de cultura da Câmara Municipal de Monchique. Neste sentido integrei a equipa de coordenação durante os trabalhos de campo, tendo ficado como responsável pela coordenação da sondagem V do sector 1. O principal objetivo desta primeira fase de estágio passou pela aquisição de competências de coordenação e registo em campo.

Deste trabalho podem ser extraídas conclusões de duas naturezas diferentes. Um conjunto delas de carácter científico e natureza histórico-arqueológica. O outro conjunto é de natureza técnica e social.

No plano histórico-arqueológico, pode-se afirmar que após a queda do poder Omíada de Damasco é o Al-Andalus que ganha uma nova vida na política muçulmana com a instalação da dinastia Omíada e o surgimento do Emirado de Córdova. Percebe-se que o século IX corresponde a um período bastante conturbado na história do al-Andalus onde se observa a origem de diversas revoltas de rebeldes contra o poder estatal, principalmente por parte de tribos berberes, mas também por famílias muwalad e mesmo por linhagens árabes.

É nesta sequência que o Cerro do Castelo de Alferce entra no mapa do Garb Al-Andalus, adquirindo uma importância estratégica após a sua ocupação durante dois momentos de rebelião. Admite-se a possibilidade da fundação do recinto fortificado B ter ocorrido durante o segundo quartel do século IX, durante a ocupação do berbere Maḥmūd b. ‘Abd al-Jabbār b. Zāqila al-Māridī, onde terá permanecido 5 anos. O arqueossítio volta a ganhar destaque, desta vez durante a rebelião de Abd al-Raḥmān b. Marwān al-Jillīqī. Possivelmente é durante esta segunda ocupação que se dá uma reformulação do espaço com o surgimento de um tramo de muralha a dividir o recinto fortificado B, sensivelmente a meio, e que corresponde ao recinto fortificado D.

Desde o ponto de vista morfofuncional, este arqueossítio corresponde a um povoado fortificado de altura composto por quatro recintos fortificados não concêntricos. O recinto fortificado B será o mais antigo, apresenta um formato de polígono irregular e um aparelho composto por blocos pétreos de pequeno, médio e, sobretudo, de grande

porte ligados por terra crua. Por sua vez, o recinto fortificado A será o mais recente. Apresenta um formato pentagonal irregular e contém vestígios de revestimento à base de argamassas de cal (branca), muito provavelmente será por esta razão que também é conhecido como Castelo da Pedra Branca. As primeiras escavações arqueológicas devidamente registadas ocorreram entre os anos de 2002 e 2004, no entanto, só em 2020 surgiu o primeiro projeto de investigação e de valorização, que conta até ao momento com 5 campanhas de escavações arqueológicas – os trabalhos de 2017 serviram como exploração e preparação para o referido projeto.

Assim, durante este estágio, consegui aprofundar os meus conhecimentos a nível histórico, sobretudo sobre o período medieval islâmico na Península Ibérica, bem como desenvolver aspetos de coordenação e registo de campo. Os dados alcançados durante a coordenação da sondagem V do sector 1 foram bastante promissores. Esta sondagem encontra-se implementada junto à face interna do tramo de muralha norte do recinto fortificado B e junto ao afloramento rochoso a leste deste tramo de muralha, tendo uma dimensão de 4 metros no sentido O-E e 2 metros no sentido N-S. A sua localização foi pensada na perspetiva de perceber como seria a ligação da parte leste do tramo de muralha norte do recinto fortificado B junto do afloramento rochoso, perceber a altura máxima conservada de muralha naquela zona e perceber a potência estratigráfica.

Os dados alcançados indicam que, na sua maioria, a sondagem é composta por níveis de aterro e de derrube/destruição relacionados com o tramo de muralha suprarreferido e de uma possível estrutura habitacional inédita que surgiu e que se prolonga para sul. A escavação revelou uma vala de fundação associada à construção do tramo de muralha norte, bem como dois silos, um deles (silo 1) encontra-se sob a suposta estrutura habitacional, tendo-se apenas escavado a metade oeste deste. O outro silo (silo 2) também não foi escavado na sua totalidade, uma vez que requer alargamento da sondagem por apenas parte deste se encontrar dentro da área de escavação. Face ao objetivo traçado, percebeu-se que o tramo de muralha encosta e assenta sobre o enorme afloramento rochoso presente no extremo leste, tendo uma altura máxima conservada naquela área de 0,65 m. A potência máxima da estratigrafia da sondagem é de 0,50 m – isto se não contarmos com o interior dos silos.

Os materiais exumados representam, na sua maioria, tipologias enquadráveis nas loiças de cozinha/mesa ou de armazenamento e transporte, nomeadamente taças ou tigelas, panelas, cântaros ou alguidares. Salienta-se, ainda, a presença de diversos

instrumentos líticos, bem como dois pregos, possivelmente em ferro, um punção em bronze e de um fragmento de vidro de tonalidade esverdeada. Os materiais encontram-se na sua maioria bastante destruídos/erodidos, tornando assim o seu estudo bastante impreciso, uma vez que em alguns dos fragmentos só temos o bordo, tornando-se bastante difícil de atribuir uma tipologia, ou seja, atribuíram-se possibilidades tendo em conta a espessura das peças e os possíveis diâmetros de abertura das bocas. Na sua maioria, apresentam uma técnica de fabrico manual, embora se observem peças com técnicas de fabrico à base de torno rápido ou lento. Os materiais apresentam técnicas de cozedura oxidante e mista, ou seja, oxidante e redutor, embora também se observem peças com cozeduras oxidantes irregulares. É nas peças de pasta bege que se encontram vestígios de decoração pintada, nomeadamente pintura a negro e/ou vermelho. Admite-se a possibilidade destas peças serem de origem de importação ou trocas comerciais, embora também se admita a possibilidade de serem de fabrico local como os restantes materiais exumados.

Outro conjunto de conclusões são de natureza técnica. O estágio no setor de cultura da Câmara Municipal de Monchique foi, sem dúvida, bastante importante neste percurso, permitindo-me consolidar conhecimentos teóricos e práticos essenciais para a gestão e valorização do património. Nesta fase, pude aprofundar competências de análise e interpretação de dados provenientes de escavações arqueológicas e contactar com a elaboração de um relatório técnico em arqueologia. Por outro lado, pude contactar com outras realidades relacionadas com as responsabilidades de um arqueólogo municipal, desde o acompanhamento de obras a ações de sensibilização e salvaguarda – limpeza e sinalização do Sítio Arqueológico do Cerro do Castelo de Alferce. A criação do CICCIA permitiu também o surgimento de salas de reservas arqueológicas condignas para armazenamento dos materiais oriundos das campanhas arqueológicas no SACCA. Neste sentido, tive também a oportunidade de participar na musealização do espaço, adquirindo assim noções e conhecimentos básicos relacionados com este tema. Percebe-se o impacto do projeto de investigação e valorização do Cerro do Castelo de Alferce na freguesia e na população através do surgimento de infraestruturas que encham de orgulho os seus habitantes, nomeadamente o surgimento de um miradouro junto às ruínas do sítio arqueológico, de um parque de caravanas na freguesia de Alferce, o próprio CICCIA e o passadiço do Barranco do Demo, que neste momento será o ex-líbris da freguesia e do próprio concelho.

## Bibliografia

ACIÉN ALMANSA, Manuel. La formación y destrucción de al-Andalus in *Historia de los pueblos de España*. Tierras fronterizas: Andalucía, Canarias. Barcelona: Argos Vergara. ISBN 84-7178-745-8;

ACIÉN ALAMANSA, Manuel (1989). Poblamiento y fortificación en el sur de Al-Andalus. La formación de un país de Husun, in *III Congreso de Arqueología Medieval Española*, Vol. I. Oviedo 1989, Asociación Española de Arqueología Medieval / Universidad de Oviedo / Ayuntamiento de Oviedo, Oviedo. pp. 137-147;

Base de dados de Património Islâmico em Portugal. Disponível em [Listagem | Património Islâmico em Portugal \(ulusofona.pt\)](#). Consultado a 08 de outubro de 2024;

BRITO, Raquel Soeiro de; FABIÃO, Carlos; MACÍAS, Santiago; MATTOSO, José e TORRES, Cláudio (1994). *História de Portugal: Antes de Portugal*, Vol. I. Editorial Estampa. abr;

BUGALHÃO, Jacinta; CATARINO, Helena; CAVACO, Sandra; COVANEIRO, Jaquelina; FERNANDES, Isabel Cristina F.; GOMES, Ana; GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana; GONÇALVES, Maria José; GRANGÉ, Mathieu; INÁCIO, Isabel; LOPES, Gonçalo; SANTOS, Constança (2010). CIGA: Projecto de sistematização para a cerâmica islâmica do Gharb al-Ândalus, in *Actas do 7º Encontro de Arqueologia do Algarve [Xelb, 10]*. Silves, out;

CANOTILHO, Maria Helena (2003). *Processos de cozedura em cerâmica*. Edição: Instituto Politécnico de Bragança, Bragança. ISBN 972-745-072-5;

CAPELA, Fábio (2014). *Contributos para o Conhecimento da Pré-história Recente e da Proto-história da Serra de Monchique*. Monchique: Arandis Editora / Município de Monchique. 1ª Edição, setembro. Disponível em, [https://www.academia.edu/9363483/Contributos\\_para\\_o\\_conhecimento\\_da\\_Pr%C3%A9\\_hist%C3%B3ria\\_Recente\\_e\\_da\\_Proto\\_hist%C3%B3ria\\_da\\_Serra\\_d\\_e\\_Monchique](https://www.academia.edu/9363483/Contributos_para_o_conhecimento_da_Pr%C3%A9_hist%C3%B3ria_Recente_e_da_Proto_hist%C3%B3ria_da_Serra_d_e_Monchique);

CAPELA, Fábio (2017). À descoberta da Montanha Sagrada: Pioneiros das investigações arqueológicas no concelho de Monchique, in *Jornal de Monchique*, Edição n.º470, 31 jul;

CAPELA, Fábio; TEICHNER, Félix e HERMANN, Florian (2020). Cerro do Castelo de Alferce (Monchique): um emblemático sítio arqueológico, in *Al-Madan Online*, II Série, n.º 23, tomo 1, jan;

CAPELA, Fábio; VALENTE, Mario João e MARTÍNEZ, Susana Gómez (2020). Da Pré-História Recente ao Medieval Islâmico: antigas ocupações do humanas no Cerro do Castelo de Alferce, N.º 8. Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património – Universidade de Coimbra / Campo Arqueológico de Mértola / Universidade do Algarve. pp. 93-103;

CAPELA, Fábio, VINAGRE, José, BELTRAME, Massimo (2025). Pendente de cornalina fitomórfico recolhido no Cerro do Castelo de Alferce (Monchique), in *Al-Madan Online*, II Série, n.º 28, tomo 1, jan;

CATARINO, Helena (2002). Castelos e território omíada na Kura de Ocsonoba, in *Mil Ano de Fortificações na Península Ibérica e no Magreb (500-1500)*. Palmela 2000, Edições Colibri / Câmara Municipal de Palmela, Lisboa. pp. 30-42;

CATARINO, Helena (2022). Cerâmica islâmica do Garb al-Andalus. Ensaio cronotipológico de recipientes de cozinha: as panelas in *X Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular*, 9-11 de Nov. Edições Zafra. Disponível em <http://hdl.handle.net/10174/33469>;

CAVACO, Sandra *et alii* (2022). E da noite se fez dia... Alumiar em período islâmico in *Actas do IX Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*, N.º8, Edições CEAACP, ISSN: 2182-844X. Disponível em <http://hdl.handle.net/10174/35090>;

COELHO, Catarina *et alii* (2018). Vinte anos de Cerâmica Islâmica do Gharb al-Andalus: ensaio crono-tipológico das formas abertas (II);

FERNANDES, Isabel Cristina; Gomes, Sofia; INÁCIO, Isabel; LIBERATO, Marcos; LOPES, Gonçalo; DOS SANTOS, Constança; BUGALHÃO, Jacinta; CATARINO, Helena; CAVACO, Sandra; COELHO, Catarina; COVANEIRO, Jaquelina; GÓMEZ, Susana; GONÇALVES, Maria José (2020). O estudo da cerâmica islâmica na construção da história do Garb al-Andalus, in *Arqueologia Medieval*, Vol. 15. Edições Afrontamento, Lda, Porto, set;

Geoportal, Energia e Geologia. Disponível em [geoPortal do LNEG](#). Consultado a 18 de janeiro de 2024;

GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana (2018) – A Cerâmica No Gharb Al-Andalus: Seguindo Os Passos De Juan Zozaya. *Arqueologia Medieval*. Nº 14, Edições Afrontamento, ISSN: 0872-2250;

GÓMEZ MARTÍNEZ , Susana (2021). El servicio de mesa para líquidos en el Garb al-Andalus: formas, técnicas y ornamentación in *Boletín de Arqueologia Medieval*, local de publicação, Nº19; 139-159, I.S.S.N. 0213-6090;

GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana (2022). Poblamiento emiral en el Garb al-Andalus, in *Arqueologia & História*, Vol. 73. Associação dos Arqueólogos Portugueses. pp. 187-202;

GONÇALVES, Maria José *et alii* (2015). *Vinte anos de Cerâmica Islâmica do Garb al-Andalus: ensaio crono-tipológico das formas abertas (I)*. VII Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.26/11847>;

GRILO, Carolina, GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana, MARQUES, João António (2014). Alqueva entre Roma e o Islão: o povoamento rural na Antiguidade Tardia e no início da Época Islâmica in *O sudoeste peninsular entre Roma e o Islão*. Edição Campo Arqueológico de Mértola;

HARRIS, Edward C. Princípios da estratigrafia arqueológica. Londres: Academic Press, 1979;

LEAL, A. S. d’A. B. de P. (1875). Portugal antigo e moderno: dicionario Geographico, Estatistico, Chorographico, Heraldico, Archeologico, Historico, Biographico e Etymologico de todas as cidades, villas e freguesias de Portugal de grande número de aldeias. Vol. V, Livraria Editora de Mattos Moreira & Companhia, Lisboa;

LIBERATO, Marco *et alli* (2024). Um esboço de sistematização da cerâmica pintada a vermelho no Garb al-Andalus: diacronia, difusão, grupos estilísticos e centros produtores in *XIII Congreso Internacional sobre Cerámica Medieval y Moderna en el Mediterráneo (AIECM3)*. Granada, 8-13 de nov. ISBN: 978-84-19726-08-7;

MACIAS, Santiago (1992) – Resenha dos factos políticos. In História de Portugal; Dir. de José Mattoso. Lisboa: Círculo de Leitores, 1992. ISBN 972-42-0589-8. Vol. 1. p. 417-429;

MARTÍNEZ ENAMORADO, Virgilio e CAPELA Fábio (2016). Sobre Monchique, Monteagudo y Alferce. El poblamiento de Munt Šāqir (Serra de Monchique) en época andalusí (siglos VIII-XIII), in *Alhadra: Revista de la Cultura Andalusí*, Vol. 2;

MORAIS, Luís Fernandes. (2010). Contributos da valorização do património arqueológico para o desenvolvimento local in *Actas do XII Colóquio Ibérico de Geografia* (pp. 1-14). Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 6 a 9 de Outubro de 2010. ISBN 978-972-99436-5-2 (APG); 978-972-8932-92-3 (UP-FL);

MEULEMEESTER, J.; GRANGÉ, M.; DEWULF, J. (2006) - Novos dados sobre o povoamento altomedieval na Serra de Monchique (séc. VI-IX): Intervenção arqueológica no Cerro do Castelo do Alferce, Monchique, Faro (2004). *Xelb. 6 - Actas do 3º Encontro de Arqueologia do Algarve*, Vol. I, Faro, pp. 261-280;

Proactivetur. Disponível em [Serra de Monchique — Proactivetur](#). Consultado a 07 de outubro de 2024;

TORRES, Cláudio (1992). Povoamento antigo no Baixo Alentejo. Alguns problemas da topografia histórica in *Arqueologia Medieval*, Nº1. Porto: Edições Afrontamento. ISSN 0872-2250.

